

MARIA



Ouvirei o Senhor e a justiça e a paz se darão as mãos.

(Sl 84,11)

Bem-aventurados os construtores da paz.

(Mt 5,9)

Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.

(1Cor 14,33)

O Senhor guia nossos passos no caminho da paz.

(Lc 1,79)



Humildade e humilhação: um olhar comunicativo

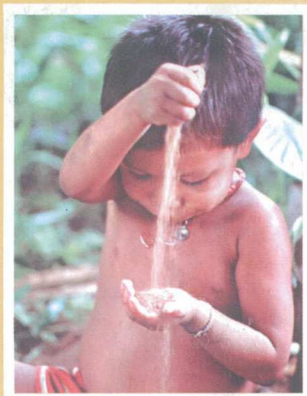


Paz na Terra Santa



Por que morremos? Sofremos por quê?





Missa da resistência indígena

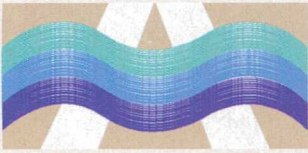
Pedro Tierra

A Missa da Terra-sem-males começou a brotar sobre a pedra das ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul.

Terra de fronteira entre a América espanhola e portuguesa, estas duas Américas que são uma só. América dividida pelo fogo dos conquistadores.



O templo semidestruído de São Miguel é um monumento testemunho do massacre do Povo Guarani, testemunho da resistência e da grandeza dos Povos Indígenas de toda a América. As pedras escurecidas pelo fogo e pelos séculos narram com seu terrível silêncio a passagem dos bandeirantes, a devastadora passagem dos exércitos de Portugal e Espanha. A própria História da Resistência dos Povos Indígenas aos conquistadores gestou no sangue esta Missa da Terra-sem-males. A marcha dos Povos Indígenas do Continente, buscando seu próprio rosto, sua identidade, arrancou dos massacres sepultados pela história oficial toda a força de sua esperança num Continente libertado.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregorian

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspon-

dência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares.

Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal

1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria.

Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP

Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do

ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque

pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado

em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das

idades é visitada por nossos representantes, que

renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as

renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregorian, RS; Alice Ferreira Reis, SP;

Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara,

SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP;

Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG;

Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG;

Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP;

Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia

Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V. Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br

Levante uma bandeira de Paz!

Um dia, o astronauta Yuri Gagarin, vestido e assessorado pela tecnologia mais desenvolvida da época, disse lá do alto de sua nave espacial: "A Terra é azul!" A inteligência e a ciência humanas quanto mais se aproximam de Deus melhor verão e compreenderão que todos somos seres criados por Deus para conviver num organismo integrado e pacífico.

Porém, quanto mais presos à Terra, vamos ver que as regiões e os povos são divididos por bandeiras ideológicas, econômicas, políticas, culturais, religiosas. Nenhuma delas tem valor e merece reconhecimento se não forem empunhadas para anunciar e propagar a paz.

Graças a Deus, em todas as nações o número dos construtores da paz é maior dos que lutam movidos pelo ódio. Em que pese a impressionante divulgação da guerra, do terror e da violência — pois a mídia também se sustenta (e muito!) de sofrimentos, de dor e de mortes —, o universo dos que acreditam e vivem em paz, com o diálogo e no consenso respeitoso, é muito, muito maior.

Desde o Oriente até o Ocidente, os humanos enfrentam não somente a guerra e o terrorismo, tão divulgados como o caso das duas torres de Nova Iorque ou o confronto sangrento entre os israelenses e palestinos, mas também a fome e o desemprego, o preconceito e a exploração, o desabrigo e a doença. Terreficado está aquele que vê desabar um grande edifício bombardeado ou sua pequena casa, ou barraco, demolidos por tanques ou tratores; aquele que num barco de refugiados é aguardado pela guarda costeira ou aqueles que acampam famintos e cansados esperando sem esperança; aquele que foi seqüestrado e seus familiares; os surpreendidos pelas balas perdidas de traficantes e policiais, nas "batidas e arrastões" nos morros e periferias das grandes cidades.

Guerra e terror são sinônimos, nada os justificam. Se não pairar sobre nossas bandeiras o espírito de paz, dificilmente a convivência afastará o terror.

Neste número, João Paulo II manifesta a preocupação com o que ele chama de "espiral de fórmulas equivocadas de buscar a paz com o revide". No seu entender e no entender da Igreja, os grandes responsáveis pela paz são os políticos — governantes detentores de poder — e as pessoas de boa vontade omissos. Todos somos co-responsáveis por nossa casa, nossa cidade, nosso país e nosso Planeta. Insiste o Papa que devemos trilhar pelas vias de negociações inteligentes sem dispensar, nunca, mediações e condições de diálogo.

No último artigo da CF'2002 (p.9), recomendamos a leitura atenta da Carta do Cacique Seattle (1854) ao presidente dos EUA: "Causar dano à Terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador". Neste mês em que se reverenciam os mortos, são muito oportunos o artigo de Frei Betto: "Suicídio de jovens" (p.12) e o do Pe. Elias Leite a respeito da fé de nossos indígenas sobre o "além dos Andes". O teólogo Pe. João Batista Libânio enfatiza, em seu contundente artigo: "Alfabetização do Brasil de hoje" (p.14), "que Deus nos deixou a história para que sejamos nós os anjos da vida dos outros".

Sempre é bom rezar: "Envia teu Espírito, Senhor, e renova a face da Terra!...". Que a fé cristã nos motive a levantar, incansavelmente, a bandeira da Paz!

P.C.G.

D. Lucas

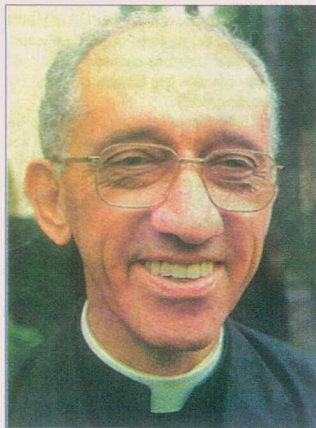


Foto: Luciney Martins/Rede Rua

Roma, Itália, 8/9. Nessa data, morreu o cardeal d. Lucas Moreira Neves. O corpo foi velado no Colégio Pio Brasileiro, em Roma. No dia 11, o Papa celebrou missa de corpo presente, na Basílica de São Pedro. O corpo foi trasladado para Salvador, BA, no dia 14, onde, após visita pública, foi sepultado na Catedral Basílica de Salvador, no dia 16.

D. Lucas foi eleito bispo auxiliar do cardeal Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, em 9 de junho de 1967. Daí em diante, ocupou vários cargos fora do País. Participou da 2.^a, 3.^a e 4.^a Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano: em Medellín, Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968; em Puebla, México, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979; em Santo Domingo, República Dominicana, de 12 a 28 de outubro de 1992. Foi Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina e prefeito da Congregação para os Bispos. Era arcebispo emérito da Arquidio-

cese-primaz do Brasil, a de Salvador, BA, para onde fora destinado no dia 9 de julho de 1987. Foi criado cardeal pelo papa João Paulo II, em 28 de junho de 1988. Foi presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, de 1995 a 1998. Em 1999 renunciou, por motivo de idade, ao governo da Arquidiocese de Salvador, retornando a Roma.

D. Lucas foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 18 de julho de 1996, para ocupar a cadeira nº 12, na sucessão de Abgar Renault, e foi recebido em 18 de 1996 pelo acadêmico Marcos Almir Madeira. Ele havia publicado as seguintes obras: *Com Olhar de Pastor*, crônicas (1990); *Vigilante desde a Aurora*, crônicas (1991); *Pôr-do-sol em Reritiba*, crônicas (1992); *o Homem Descartável* e outras crônicas (1995).

Alca

São Paulo, SP, 17/9. Naquela data, foi divulgado o resultado do Plebiscito Nacional sobre a Alca, Área de Livre Comércio das Américas, que dá um recado para nosso Governo e para o dos Estados Unidos da América: *Soberania sim, Alca não!*

O plebiscito, realizado entre os dias 1.^o e 7 de setembro, em quase 4 mil municípios, contou com os votos de 10.149.542 pessoas, sendo que 9.979.964, 98%, foram contrárias à assinatura do acordo para a formação da Alca.

Após o anúncio dos números no auditório Nereu Ramos, da Câmara dos Deputados, os organismos do plebiscito divulgaram um manifesto, fruto da análise dos resultados: “Os números sobre o Plebiscito Nacional sobre a Alca e a cessão aos EUA do direito de uso da Base de Alcântara, MA, revelam a mais profunda aspiração da sociedade brasileira pela construção de uma nação verdadeiramente livre e soberana, onde o povo seja o dono de seu destino”.

Comunicações

Vaticano, 28/9. “Os meios de comunicação social, a serviço da paz autêntica, à luz da *Pacem in terris* (*Paz na terra*): este será o tema que o papa João Paulo II escolheu para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2003.

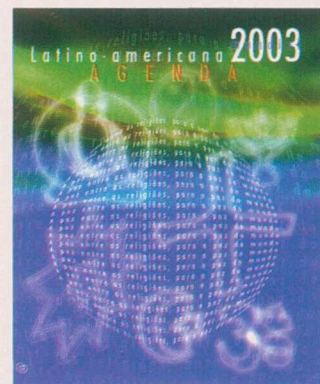
“O tema escolhido pelo Santo Padre”, afirmou o Presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, d. John P. Foley, “reflete a importância da promoção de uma paz autêntica, baseada na verdade, na justiça e no amor, como foi indicado pelo Beato Papa João XXIII, na sua famosa Carta Encíclica *Pacem in terris*, de 1963”.

O Dia Mundial das Comunicações Sociais — que constitui a única celebração mundial desejada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (*Inter Mirifica* = *Entre as maravilhosas invenções da*

técnica, 1963) — é celebrado em numerosos países, com base nas indicações dos Episcopados do mundo inteiro, no domingo precedente ao do Pentecostes (que, no ano de 2003, será celebrado no dia 1.^o de junho).

Tradicionalmente, a mensagem do Papa é publicada por ocasião da Solenidade de São Francisco de Sales, padroeiro dos Jornalistas e da Imprensa (festejada pela Igreja universal no dia 24 de janeiro), para permitir às diversas Conferências Episcopais e a todos os Departamentos diocesanos a devida preparação dos vários materiais, com vista às celebrações nacionais e locais do Dia Mundial das Comunicações Sociais.

Agenda Latino-americana



São Paulo, SP, 27/9. O lançamento da *Agenda Latino-Americana Mundial 2003*, com o tema “A paz entre as religiões para a paz mundial!”, realizado pelo Grupo São Domingos,



em sua 10.^a edição, aconteceu no Parlamento Latinoamericano, Parlatino, na noite de 27/9. A festa foi aberta pela Companhia Paulista Coral. Todos foram convidados por frei João Xerri a tirar os sapatos, pois, segundo o religioso, o diálogo só é possível entre iguais. "Sem sapatos queremos eliminar qualquer vestígios de arrogância ou de auto-suficiência". Falou sobre a importância da solidariedade e da paz.

D. Pedro Casaldáliga, um dos autores da Agenda, encerrou o evento falando sobre a Área de Livre Comércio das Américas, Alca: "Se o Brasil não quiser, não existirá a Alca. Se o Brasil continuar se entregando, vai existir a Alca que é uma ameaça apocalíptica sobre o continente inteiro".

Para aquisição da Agenda, ligar, grátis, para o telefone 0800-555-021.

Terceira Idade

São Paulo, SP, 16/10. O Centro Claretiano de Estudo e Formação está lançando o programa da Faculdade Aberta à Terceira Idade. Visa orientar homens e mulheres a elaborarem um novo projeto de vida, descoberta de novas aptidões, novas formas de participação na sociedade a partir da compreensão das transformações do mundo. Cria um espaço de discussões, trabalhos em grupo, trabalho integrado com profissionais, envolvendo saúde,

nutrição, aspectos psicológicos, sociais, corporais e emocionais. Funcionará no prédio das Faculdades Integradas Claretianas, à rua Martim Francisco, 656, Santa Cecília (próximo ao Metrô), CEP: 01226-001, São Paulo, SP, Fone: (11) 3823-5969. E-mail: (secretaria@clarets.com.br), site:(www.clarets.com.br).

Henry Sobel



São Paulo, SP, 25/9. O rabino Henry Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista, homenageou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, por seus 50 anos. Ao falar sobre a importância da entidade, destacou "Durante o período da ditadura militar, a CNBB foi a voz dos torturados, dos assassinados, dos desaparecidos, de todos aqueles que os governantes silenciaram. Foi graças à coragem e perseverança da CNBB que a democracia renasceu no Brasil..." "Para nós, judeus brasileiros, é motivo de satisfação especial a importância dada pelas sucessivas cúpulas da CNBB ao diálogo inter-religioso".

A IGREJA NO MUNDO Notícias	4
PALAVRA DO PAPA Paz na Terra Santa	6
PAZ NA TERRA Apelo em favor da Paz	7
11 de Setembro: as seqüelas Guerra justa, pode?	8
CAMPANHA DA FRATERNIDADE Por uma Terra sem males <i>Fraternidade e os povos indígenas</i>	9
FÉ E CIDADANIA Por que morremos? Sofremos por quê? <i>Antônio Mesquita Galvão</i>	10
Suicídio de jovens <i>Frei Betto</i>	12
Abá-omanõ'mbaé-puera'etá <i>Elias Leite</i>	13
Alfabetização do Brasil de hoje <i>J. B. Libânio</i>	14
Um pouco mais de ouvidos <i>Pe. Zezinho, scj</i>	15
Humildade e humilhação: um olhar comunicativo <i>Francisco Gomes de Matos</i>	16
ECOLOGIA DO ESPÍRITO Restaurar as emoções <i>José Cristo Rey Paredes</i>	18
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR Senhora da Esperança <i>Roque Vicente Beraldi</i>	19
REFLEXÃO BÍBLICA Maria na Bíblia <i>Geraldo Araújo de Lima</i>	20
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Margarida da Escócia e André Dung-lag <i>Ronaldo Mazula</i>	21
HISTÓRIA DA IGREJA Século XXI, desafio para a Igreja (continuação) <i>Ronaldo Mazula</i>	23
MEU LAR Falando consigo mesmo <i>Wimer Botura Jr.</i>	24
CULINÁRIA <i>Yvonne Barros Oliveira</i>	25
LITURGIA DA PALAVRA De 29 de dezembro/02 a 26 de janeiro/03 <i>Adelino Dias Coelho</i>	26
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Paz na Terra Santa

Alocução mariana de João Paulo II, em 11/8, em Castelgandolfo, Itália:

Não deixo de pensar, com profunda preocupação na Terra Santa, onde, infelizmente, os episódios de violência, quase quotidianos, não conhecem trégua, privando da vida tantos irmãos e irmãs nossos, vítimas de uma terrível espiral de represálias em cadeia.

Quando se compreenderá que a convivência entre os povos israelita e palestino não pode surgir das armas? Nem atentados, nem muros de separação, nem represálias poderão levar a uma solução equitativa do conflito em causa. O Papa sofre com todos os que choram lutos e destruições; está próximo, sobretudo dos numerosos inocentes, que pagam o preço dessa violência. Deseja repetir a todos, seja qual foi o grupo étnico a que pertençam, que não há justificativa alguma para os que matam, de modo indiscriminado, pessoas civis indefesas.

Desde 1967 até aos nossos dias, verificou-se uma assustadora série de sofrimentos indizíveis: sofrimentos dos

palestinos, afastados das suas terras ou obrigados, nos últimos tempos, a um estado de assédio permanente, objeto quase de uma punição coletiva; sofrimentos da população israelita, que vive quotidianamente o terror de ser alvo de autores anônimos de atentados.

Junta-se a isto a violação de um direito fundamental, o da liberdade de culto. De fato, devido a um rígido estado de alerta, no dia da oração semanal, os fiéis já não têm acesso aos lugares de culto.

Penso em vós, queridos cristãos, que, apesar de não estardes envolvidos em ações terroristas e de compartilhades

tantos sofrimentos com os vossos concidadãos, vos sentis tentados a abandonar a Terra Santa. O Papa e toda a Igreja estão convosco e renovam-vos os seus sentimentos de profunda solidariedade e de proximidade espiritual.

Perante este drama humanitário, que parece não oferecer indícios de esperança, ninguém pode permanecer indiferente. Eis por que, mais uma vez, faço apelo aos responsáveis políticos israelitas e palestinos para que reencontrem o caminho das negociações leais.

Peço à comunidade internacional que se empenhe com maior determinação em estar presente no lugar, oferecendo a sua mediação para criar as condições de um diálogo proveitoso entre as partes, diálogo que acelere o processo da paz. Peço aos cristãos de todas as partes do mundo que se unam a mim numa oração intensa e confiante. Que Maria, Rainha da Paz, faça com que seja finalmente escutado o brado de quem sofre e morre na Terra Santa".



Foto: L'osservatore Romano

João Paulo II e a paz no Oriente Médio

Foi enérgico o apelo de João Paulo II em favor da paz no Oriente Médio, no *Angelus* de 11/8. Foi enérgico o apelo e forte o espírito do Papa que não desiste de lançar raízes para uma paz justa e duradoura em toda a Terra, abordando sem medo os pontos quentes que obscurecem a vida da comunidade internacional.

O Oriente Médio, com o conflito israelo-palestino, é um desses pontos quentes que preocupam os povos que ali vivem, sem deixar de causar preocupação em todos os homens de boa vontade. A guerra de pedras continuou com outros meios de que se fala quase diariamente, pelos alvos atingidos e pelos efeitos alcançados: camicases e seus atentados, de um lado, carros de combate, bombas e bloqueios do outro, represálias e vítimas em ambos os povos que se confrontam numa guerra ou guerrilha, cujo termo não se vislumbra, cujos resultados catastróficos estão à vista de todos.

João Paulo II ergueu, mais uma vez, a sua voz, para dizer um nome: *Terra Santa*; para fazer uma pergunta: *quando se compreenderá que a convivência entre os povos israelita e palestino não pode surgir das armas?* para afirmar: *o Papa sofre com todos os que choram lutos e destruições*; para repetir: *não há justificativa alguma para os que matam pessoas indefesas*.

Na realidade, uma guerra supõe sempre dois grupos, raças ou povos; aqui, israelitas e palestinos lutam por uma terra, que reivindicam, e com Jerusalém no centro das atenções; ambos lutam e ambos sofrem; ambos acusam e afirmam razões; ninguém se lembra, entre eles, de dizer a palavra, *paz*, com verdade e vontade de a construir para bem dos dois povos, que se arruinam a si próprios e não conseguem reentrar num caminho de prosperidade de que já gozaram. A nova experiência de guerra e destruição levou à fuga de turistas, por exemplo, e isto era uma das grandes fontes de receita para os dois povos. Já se lembram ajudas, que antes não eram necessárias; já se estende a mão para pedir, quando antes se fazia esse gesto para dar. É preciso inverter o caminho. Como?

Aqui, voltamos a João Paulo II: *ninguém pode permanecer indiferente*. A comunidade internacional deve empenhar-se com maior determinação em estar presente no lugar; *os responsáveis políticos dos dois povos* devem reencontrar o caminho das negociações leais; os cristãos devem unir-se à oração intensa e confiante do Papa. E até *Maria, Rainha da Paz*, que viveu e andou por aquelas terras, é chamada para que, com a sua proteção, seja escutado o grito de quem sofre e morre na Terra Santa (L'O.R. N.º 33).

Apelo em favor da PAZ

**Bem-aventurados
os construtores
da paz... (Mt 5,9).**



tado Palestino, com a conseqüente segurança para o povo de Israel e a constituição de Jerusalém como cidade aberta e capital dos dois Estados.

Nesta mesma atitude de defesa intransigente da paz, como um bem precioso para toda a humanidade, propugnamos para o Iraque, uma solução negociada no âmbito da ONU, que ponha fim ao extremo sofrimento da população civil e às mortes, sobretudo de crianças, provocadas por mais de dez anos de bloqueio econômico.

Como latino-americanos, insistimos junto a nossos povos, governos e organismos internacionais para que nos empenhemos todos juntos pelo fim da guerra civil na Colômbia, trilhando-se a via das negociações e da solidariedade e não o da intensificação da guerra e do intervencionismo externo.

Essa nossa voz quer somar-se ao grito e à esperança de todas as pessoas, organizações, Igrejas e grupos religiosos amantes da paz que querem construir esse outro mundo possível baseado em relações de justiça, fraternidade, respeito mútuo e solidariedade.

Ibiúna, 2 de outubro de 2002

Nós abaixo assinados, bispos e pastores do Brasil e de outros países da América Latina, pertencentes à Igreja Católica Romana, à Igreja Episcopal Anglicana e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, reunidos em Ibiúna, SP, de 25 de setembro a 3 de outubro de 2002, para dias de estudo, oração e convívio, tendo ouvido testemunhos pungentes de personalidades de Israel e da Palestina sobre a dramática situação de guerra e de miséria que pesa sobre a população civil da região, submetida a uma espiral crescente de violência e morte, sentimos no dever de consciência de unir nossa voz ao profundo desejo de uma paz justa por parte de ambos os povos.

Queremos nos somar também ao clamor internacional, aos reiterados apelos do Conselho Mundial das Igrejas, do papa João Paulo II e de tantos setores empenhados na busca pela paz que rejeitam as soluções de força que se encontram a serviço de interesses poderosos, alheios ao bem comum e às aspirações de todo o Oriente Médio.

Com os próprios povos diretamente afetados e consonância com as resoluções da ONU e os acordos de Oslo, apoiamos a cessação de toda violência, a retirada das tropas de ocupação dos territórios palestinos, a criação do Es-

- D. Frei Diamantino Prata de Carvalho, OFM
- D. Frei José Belisário da Silva, OFM
- D. Frei Tomás Balduino, OP - Presidente da CPT, GO
- Sebastião Armando - Pelotas, RS - Igreja Anglicana
- D. Eugène Lambert Adrian Rixen - Bispo de Goiás, GO
- D. Maurício Grotto de Camargo - Assis, SP
- D. Waldyr Calheiros Novaes - Volta Redonda, RJ
- D. Mauro Montagnoli, CSS - Ilhéus, BA
- D. Frei Elias James Manning, OFMConv - Valença, RJ
- D. Guilherme Antônio Werlang, MSF - Ipameri, GO
- D. Heriberto Hermes, OSB - Cristalândia, TO
- D. Almir dos Santos - Anglicano; Noeli Gomes dos Santos (esposa)
- D. Xavier Gilles de Maupeou d'Ableiges - Viana, MA
- D. Mário Clemente Neto, CSSp - Tefé, AM
- D. Frei Luís D'Andrea, OFMConv. - Caxias do Maranhão, MA
- D. Pedro Casaldáliga Pla, CMF - São Félix, MT
- Entre outros...


11 de Setembro: as seqüelas

É possível que o 11 de Setembro de 2001 passe à história, embora não saibamos bem por quê. O número de vítimas do ataque terrorista — umas 3.000 — não supera o dos mortos, naquele mesmo ano, nas lutas da Colômbia, no Congo e até no próprio Afeganistão. Mas as seqüelas do atentado terrorista mudaram o rumo político. O Presidente G. Bush, eleito em condições pouco democráticas, fortaleceu-se com um apoio jamais imaginado. A indústria de armas, que até então sofria uma esperançosa queda, voltou a florescer, e, com ela, a dinamização da economia americana. Assegurou-se o fluxo das grandes reservas petrolíferas do Mar Cáspio através do Afeganistão, uma vez que foi substituído o regime talibã por outro mais obsequioso. Agora, pretende-se fazer a mesma coisa com as do Iraque. Para isso, ter-se-á de exagerar a periculosidade de Sadam Hussein, tal como se fez com Bin Laden. Estes benefícios, assim como a apresentação imediata de um plano perfeitamente arquitetado fizeram pensar que o ataque já fosse previamente conhecido.

As seqüelas políticas que se seguiram são igualmente lamentáveis. O Islã, que, de repente, virou símbolo do mal,

ficou todo sob suspeita, indistintamente. Os 1.500 prisioneiros na base de Guantánamo, por exemplo (em condições denunciadas pela Anistia Internacional), lá estão por terem provindo de países islâmicos. A "islamofobia" suscitada se estende aos emigrantes em geral e tem sido causa de hostilidade contra eles e do reforço das fronteiras, até nos países europeus.

No interior dos EUA, o "patriotismo" artificialmente exacerbado traduz-se em diminuição da liberdade de expressão, como o constatam jornalistas independentes. Aos meios de comunicação bem controlados, amedrontam com o terrorismo, difuso e onipresente, para manter o medo. Os regimes autoritários — como Israel ou Colômbia — aproveitam este espírito para qualificar seus dissidentes como terroristas.

São necessários a nós — construtores da paz — novo ânimo e criatividade. Com o risco de parecerem pouco patriotas, os ativistas norte-americanos pela paz rompem o monopólio discursivo e o clima de linchamento que lembra os tempos da "Guerra Fria". É hora de discernimento e lucidez. 




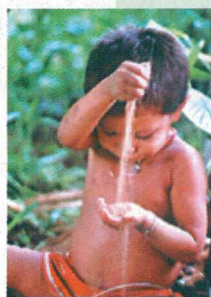
reduz à mera ausência de guerras; todavia esta é sua condição imprescindível. Nas circunstâncias atuais, a doutrina cristã da "guerra justa", elaborada por Santo Agostinho (354-430), está sendo superada por um novo paradigma. Se, em pouquíssimos casos, avalia-se o cumprimento dos critérios para que haja guerra e não há nenhuma autoridade que possa sancionar os abusos cometidos nela, as armas massivas alcançam, hoje, sobretudo a população civil; não se atende à proporcionalidade com respeito à ofensa e caem no esquecimento as reais intenções.

Guerra justa, pode?

O dia 12 de Setembro foi declarado pela ONU como o "Dia Internacional da Paz". Sabemos que a paz está enraizada na justiça e no respeito aos direitos humanos, e que, portanto, não se re-

Já o Concílio Vaticano II tinha recomendado o espírito da não-violência e condenado o uso de armas nucleares, limitando e condicionando a teoria da "guerra justa". João Paulo II, em seu documento: *Centessimus Annus* (*Centésimo Ano*), propunha a não-violência como uma boa estratégia para vencer o mal, exortava a solidariedade internacional a preferir mais o desenvolvimento do que armas e a proteger as vítimas das agressões.

O ataque terrorista de 11 de Setembro reabriu o debate. Os bispos norte-americanos questionaram, mesmo a partir da doutrina tradicional, a legitimidade da guerra punitiva americana no Afeganistão. O papa João Paulo II, em sua mensagem de 1.º de janeiro deste ano, supera claramente a doutrina da "guerra justa". Recomenda o perdão, sem o qual, apenas a expectativa da justiça conduziria à vingança e à espiral da violência. É evidente que não pode haver perdão com o solapamento da impunidade e da injustiça. Agora, já nenhum cristão, enquanto tal, pode envolver-se em guerra alguma. (Artigos extraídos da publicação — Misioneros Claretianos — *Justicia, Paz y Vida*, n.º 30). 



Por uma terra sem males

Fraternidade e os povos indígenas

Nesta edição, completamos o que restou do capítulo: "Muitas faces da violência". Não foi possível abordar todo o "Texto-Base". Procuramos, porém, durante este ano, refletir com os leitores sobre este importante tema escolhido pela CNBB, "Por uma Terra sem Males, fraternidade e os povos indígenas", valorizando esta cultura, dentro da nossa cultura, que andava esquecida e até depreciada.

Trechos da carta escrita em 1854 pelo cacique Seattle, do povo Duwamish, ao presidente dos Estados Unidos, podem ajudar-nos a compreender melhor a questão. Essa carta foi escrita depois que o governo americano propôs a compra do território daquele povo:

Como se pode comprar o céu, o calor da terra? Tal idéia nos é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós?... Toda esta terra é sagrada para meu povo.

Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele, um torrão de terra é igual ao outro porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo aquilo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga e, depois de sugá-la, ele vai embora...

Sua ganância empobrecerá a terra e vai deixar atrás de si os desertos.

Uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus.

Julgas talvez que o podes possuir da mesma maneira como desejas possuir nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao índio como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador...

Nós amamos a terra como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe...O nosso Deus é o mesmo Deus e esta terra é querida por Ele.

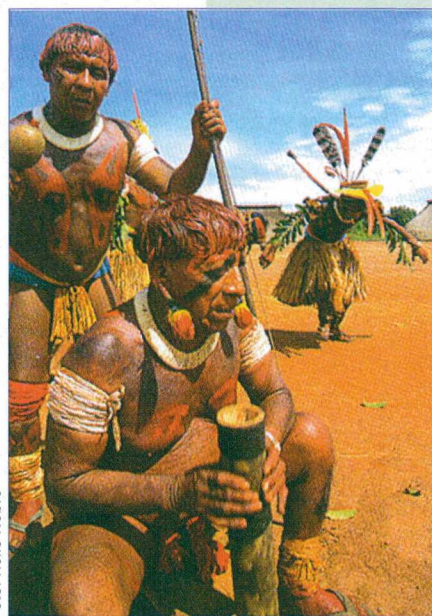


Foto: Helio Nobre

Conquistar a terra, garantir a vida

"Eu sirvo até de adubo para minha terra, mas dela eu não saio" (Samado, líder Pataxó Hã-Hã-Hãe, 9/9/1998).

A luta dos povos indígenas para defender e garantir a posse de seus territórios já dura cinco séculos. Mas é certamente uma luta justa e abençoada, porque tem a finalidade de assegurar uma vida digna e plena para esses povos tão sofridos.

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor por causa dos opressores, pois eu conheço suas angústias. Por isso vim libertá-lo(...) e fazê-lo subir daquela terra para uma terra vasta e boa, terra onde jorra leite e mel (Ex 3,7-8).

Como o Povo de Deus buscando e acreditando na Terra Prometida, os índios seguem nesses cinco séculos refazendo a utopia, lutando de muitas maneiras para conquistar a "terra sem males".

A invasão portuguesa no século XVI é o início dessa luta. No entanto, nos trinta primeiros anos, os europeus se dedicaram à exploração das riquezas aqui existentes e à busca de metais preciosos. A luta pela posse do território se intensificou na quarta década, quando a Coroa portuguesa implantou as capitânicas hereditárias. As capitânicas foram a forma encontrada por Portugal para ocupar e explorar o território, assim como para impedir a presença de outros povos nele, ou, inclusive expulsar os que nele estivessem.

Entretanto, graças à persistência guerreira dos povos, que não se curvaram ao domínio português, protagonizando incontáveis guerras, os índios conseguiram conquistas importantes, mesmo dentro do ordenamento jurídico do Estado colonial português, que era obrigado a fazer concessões. Foi assim que, já em 1680, a Coroa portuguesa, através de um alvará régio, reconheceu aos indígenas o título de "primários e naturais senhores" de suas terras, mesmo que incidentes em terras concedidas através de regime de sesmarias. Inicialmente direcionado às áreas do Grão-Pará e Maranhão, em 1758 este reconhecimento se estendeu a todo o País.



Por que morremos? Sofremos por quê?

Antônio Mesquita Galvão

A era da modernidade trouxe novos enfoques a muitos campos da reflexão humana. No próprio terreno religioso, há quem afirme uma passagem da visão teocêntrica da teologia e das ciências religiosas, para uma visão mais antropocêntrica, apoiada pelas ciências particulares. Por que o homem morre? Esta é uma pergunta que deve existir desde que o mundo é mundo, e as respostas sempre tergiversam a verdade, sem jamais irem a fundo na questão.

Por que a morte é o mais crucial drama da humanidade?

Na verdade, se de um lado o homem traz a eternidade em si, de outro também há, em seu corpo a maturação da morte. "Quando o homem começa a viver - diz M. Heidegger - já é suficientemente velho para morrer". Ora, para quem traz consigo o germe da eternidade, para quem foi planejado para ser eterno, a morte é um drama e mais que isso: uma contradição. O drama da morte se amplia à medida que se torna um duro golpe para o orgulho humano. Pensado imortal, o homem, em sua soberba, que a tudo pode comprar, dominar, não admite a impotên-



Foto: Eduardo Russo

cia diante da inevitabilidade da morte. Sobre essa propensão para a morte, temos um clássico: "A vida humana é essencialmente mortal" (Santo Agostinho).

No dia de nosso aniversário, os amigos vêm confraternizar conosco, expressando desejos de felicidade através de abraços, presentes e mensagens. Na cultura mais mística dos primeiros séculos, a festa do aniversário era escatológica, pois como a cada ano que passa mais se aproxima a morte, todos abraçavam e presenteavam o homenageado, desejando-lhe felicidade eterna, saúde espiritual para chegar no Reino dos céus. Os presentes de hoje, têm duas origens. A primeira liga-se à oferta que os magos do Oriente fizeram ao menino Jesus. A segunda, originária a partir do século III d.C., tem o significado de "quando chegar lá (no céu) lembre-se de nós e reze a Deus por nós...".

Antropologicamente, a morte é um

ato natural. Embora o corpo humano seja uma máquina muito bem feita, a morte é natural. Bem natural. Antes de tudo, o homem é comunhão com a natureza criada. Insere-se nesse longo processo evolutivo, como fruto maduro e maravilhoso... o homem é natureza. São leis determinadas que o comandam. Desenvolve-se dentro do ritmo do *acaso* e da *necessidade*. É antes, passado, acumulação de história de outros, herdada pela via genética, pela sedimentação do que até agora ele tem sido. É sobretudo vida: movimento imanente. O homem participa da história na natureza pelo seu corpo. Ele é corpo vivo. Frágil, mortal. Programação biológica, completa, fechada, perfeita, cuja maravilha as ciências nos desvendam a cada dia.

A imortalidade e a continuidade da vida são anseios do ser humano de todos os tempos. O homem sempre buscou no transcendente - primeiro na magia, depois na religião - essa sobre-

vida, que lhe possibilite perpetuar-se no controle de seus projetos, sem o medo da morte ou o temor do desaparecimento. A reencarnação e a metem psicose são formas de sonhar com o prolongamento da vida, só que limitadas à volta nas mesmas condições humanas, finitas e frágeis.

Deste modo, a morte, quando não suficientemente compreendida, sempre irá estabelecer uma séria tensão com o desejo de viver. E todo o temor - eu até diria terror — brota da constatação que a vida tem fim, e que a morte é inevitável. A vida só é verdadeiramente vivida quando a morte nos leva, do tempo à eternidade. A morte é a chave do segredo da vida.

Na dialética vida e morte, observa-se que a plenitude do homem interior exige a morte exterior. Francisco de Assis chamava a morte de irmã, pois via nela uma *passagem* para a vida futura. Cheio do amor de Deus, o místico da Porciúncula não temia a morte, pois via nela um meio de encontrar-se com aquele Deus a quem ele se acostumara a amar e a servir.

Em muitos casos, a tensão entre o viver e o morrer ocorre a partir de uma dúvida ou de uma idéia distorcida que se tem da vida eterna. A confrontação

entre o homem interior imortal e o homem exterior mortal, caracteriza a passagem de uma vida para a outra.

Se soubéssemos que a morte é a passagem de uma esfera dramática para outra de liberdade plena, teríamos, por certo, menos medo dela. Assim, a escatologia não é um discurso abstrato sobre o fim ou futuro do mundo, mas uma construção concreta sobre o que *põe fim* ao tempo presente. O fim não é algo estático, mas a ação de *pôr fim* aos sofrimentos do momento presente. O escatológico é o que põe fim ao sofrimento e à crise.

O homem, pelo menos em níveis de consciência, é uma unidade em tensão da vida natural (*biós*) e da sobrenatural (*zoé*). Enquanto que o dualismo grego nos definia como corpo e alma, outras formulações, a saber, de Santo Tomás de Aquino, referia-se ao homem como corpo, alma e graça divina. Só que não divisíveis como nos conceitos da filosofia, mas uma só essência onde o corpo, a alma (ou o espírito) e a amizade com Deus formam um conjunto indissociável.

O estudo da corporeidade nos revela que o ser humano não tem corpo, mas é *corpo*.

E o sofrimento? Por que existe? Por que sofremos tanto?

Será destino? Carma? Ou castigo divino?

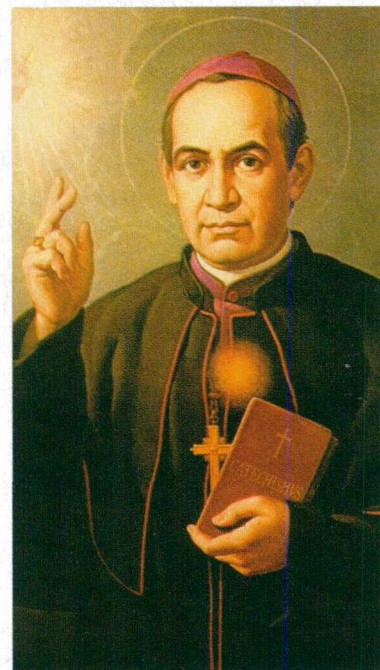
Embora criada com vistas à eternidade (quando será "otimizada" na ressurreição), a matéria humana é fraca, vulnerável, suscetível a lesões, dores, e degeneração. Deus não criou o mal ou a dor; muito menos a morte e o sofrimento. Então, por que sofremos? Sofremos por nossa condição débil de constituição em uma matéria frágil. Assim mesmo, Deus nos dá a cura, o consolo, a esperança, a resignação, o discernimento, e a fortaleza, conforme a circunstância.



Antônio Mesquita Galvão — teólogo leigo com Mestrado em Escatologia

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores de Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucio@mpc.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Maceió-AL
missaoclaret@ofm.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinápolis-MT

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pvbcent@uai.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF

Assine a revista
Ave Maria
apenas R\$ 25,00
ao ano.
Ligue
0800-555-021

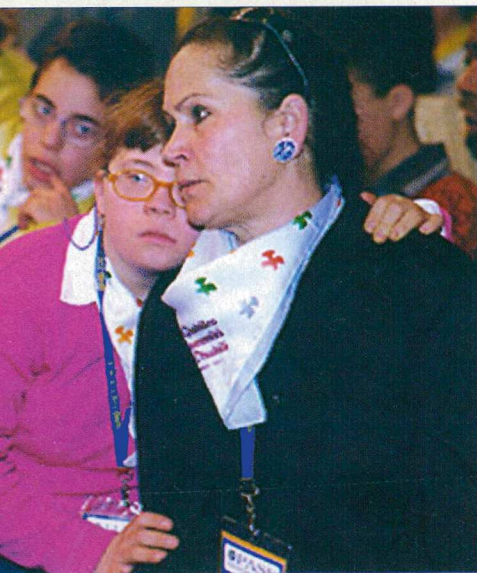


Ilustração: L'Osservatore Romano

Suicídio de jovens

Frei Betto



O dado é estarrecedor: segundo o IBGE, no Brasil o número de suicídio de jovens aumentou 30% entre 1991 e 2000. Os jornais, por princípio, não registram este tipo de notícia. Um colégio de elite, em Belo Horizonte, perdeu, este ano, cinco alunos do ensino médio. O que leva um adolescente a pôr fim à própria vida?

São muitos os fatores que, somados, se resumem à frustração. Diante de tamanho desencanto, não vale a pena viver. De cima de um prédio (modo frequente) o jovem se atira rumo à morte. O gesto encerra, sem dúvida, uma forma de protesto. É como se exclamasse: "Parem o mundo porque quero descer".

Frustração diante do quê? As ambições desmedidas. Ninguém se desespera por perder algo a que não dá valor. Onde está o teu coração, aí está o teu tesouro, disse Jesus. Nessa sociedade consumista, na qual estamos permanentemente cercados pela parafernália publicitária, é difícil escapar do (falso) paradigma de que o nosso valor enraíza-se naquilo que possuímos; no que temos, e não no que somos. Sem recursos para saciar suas ambições de

consumo, o jovem prefere dar cabo à própria vida. Ou enfia a cara nas drogas, que o fazem alienar-se da realidade e, por vezes, sentir-se como um super-homem. A química imprime na ilusão o que a auto-estima deveria gravar no coração.

O processo de sentir-se deserdado se inicia na infância, quando os pais não cobrem o filho de afeto e atenção, e julgam poder trocar o dom de si pelo

A morte é um tabu em nossa sociedade. Quase ninguém quer encará-la de frente. Embora todos devamos ser consumidos e consumados por ela, vivemos como se ela não existisse. Ora, educar é abordar tudo que diz respeito à vida, sobretudo as situações-limite, como ruptura afetiva, fracasso, desespero, enfermidade, sexualidade, experiência de Deus e morte.

No dia em que as famílias e as esco-



Foto: Eduardo Russo

presente: a bicicleta, a moto, o carro. É a omissão tentando terceirizar, via consumo, o que a afeição deveria assumir.

Ainda que a família cubra o filho de afeto, é insuficiente se não lhe são transmitidos valores éticos. Se para o jovem a escala de valores coincide com a do mercado — competição, sucesso, enriquecimento —, nada a estranhar quando, naufrago desse alpinismo social, ele se sente um fracassado. Então, joga no lixo a vida da qual não se orgulha e na qual não se sente feliz.

las tratem o sentido da vida como valor subjetivo, e a morte como algo inerente à vida, findo o tabu estará aberta a porta proibida. Os infelizes não mais tentarão derrubá-la para que todos ouçam o tremendo ruído nesse teatro em que o único ator chama a atenção da platéia exatamente ao se ausentar de cena. É dando sentido à vida que a morte ganha razão de ser. Não como evasão. Mas como travessia.

Frei Betto é escritor, autor do romance "O Vencedor" (Atica), entre outros livros.

Abá-omanõ'mbaé-puera'etá

Abá = homem + omanõ'mbaé = morreu que + puera = já + etá (plural) = os homens que já morreram = os mortos.

Elias Leite

É universal o culto à memória dos mortos. Todo ser humano a conserva porque se inquieta com um depois. A saudade coopera. A memória guarda.

Mesmo povos que não cultuam deuses nem configuram uma religião, vislumbram um outro lado. No caso, aborígenes brasílicos e, referencialmente os da linhagem Tupi-guarani.

Assim os encontraram os "descobridores" e, logo mais, os missionários.

Estes povos, embora não tendo ritos ou cultos religiosos específicos, admitiam um Ser supremo, denominado *Tupã* (pai, mãe), representado pelas forças e reações da Natureza; relâmpagos, raios, trovões, cachoeiras, correntezas, etc. Como oposto, o espírito da maldade, o *Yurupari* [boca tapada, silêncio], mitológico, lendário. Com o advento da catequese cristã, passou a prefigurar o demônio, o capeta.

Esses poderes atuantes da Natureza encontravam limites na força e sabedoria do Pajé, curandeiro, com as plantas, o fogo, a fumaça [*petyma*] a planta volatilizada. Os efeitos dos rituais não eram atribuídos a *Tupã*. E ainda os duendes lendários da mata, como os sacis-pererês, o caopora, o curupira, a bói-tatá, e outros, eram produtos da natureza, nada espirituais. Os parâmetros eram o Bem e o Mal, simplesmente.

Diante dessa teogonia monogramática, quase simplista, a evangelização pela doutrina cristã, trazida pelos jesuítas, e outros, não podia deixar de ser para eles (selvagens), encantadora e, portanto, de fácil aceitação. Como foi. Sem oposições ou repelências. A ponto de referir-se numa carta


o padre jesuíta Vicente Rodrigues, em 1550: "Assim se ajuntam (os índios) na casa do Principal e aí lhes ensinamos alguns passos da vida de Cristo e algumas vezes tanto se interessam pelas coisas do Senhor que não lhes somos bastantes para satisfazer os seus desejos; e voltam para casa e rezam a doutrina cristã, benzem-se, fazendo o sinal da cruz" (*Cartas Jesuítas*).



Esta nova Terra da alma, tinha rumo, não porém, demarcação geográfica, ficava distante, em "o longe" [i-puku-pe]. Os índios litorâneos apontavam para "além das montanhas" com mais precisão "para além dos Andes". Não se tem conhecimento exato sobre o que eles julgavam acontecer depois da morte, a não ser festas, danças, bebedeiras, cantos e alegrias, num "lugar onde moravam seus antepassados". O que não significava prêmios pelo bem praticado.

Onde também se explicam as conceituações dos antropólogos e estudiosos europeus dos séculos XVII e XVIII, sobre os índios da família tupi, como D'Evreux e Claude d'Abbeville, na fase telúrica dessa etnia, distribuída pelas diferentes tribos: a vida na Terra de todos e a continuidade dessa mesma vida depois da morte, numa Terra outra, para todos, a Terra-sem-Mal [*Yby marã-e-yma*]. Por certo, o sentido da continuidade da vida, fazia-os guardar ou enterrar os mortos nos potes ou igaçabas, pondo o corpo do morto em posição de vida, ou seja: sentado ou em pé, com suas armas, enfeites, até algo de comer.

Esta nova Terra da alma, tinha rumo, não porém, demarcação geográfica, ficava distante, em "o longe" [*i-puku-pe*]. Os índios litorâneos apontavam para "além das montanhas" com mais precisão "para além dos Andes". Não se tem conhecimento exato sobre o que eles julgavam acontecer depois da morte, a não ser festas, danças, bebedeiras, cantos e alegrias, num "lugar onde moravam seus antepassados". O que não significava prêmios pelo bem praticado. Os valores mostrados nos rituais fúnebres eram a valentia, a força, a mulher e os filhos, sem esquecer o número de inimigos matados, se era um guerreiro ou chefe de tribo.

Lamentavam, sim, os mortos, com lutos e prantos em enorme gritaria que duravam dias seguidos. Guardavam, porém, a esperança do encontro com os antepassados, para as festas na *Yby marã-e-yma* — a Terra sem Mal. 

Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Alfabetização do Brasil de hoje

J. B. Libânio

Temos nossas glórias no campo da alfabetização. Em solo nordestino, plantou-se e vicejou a experiência de Paulo Freire. Lá o gênio pedagógico deste ilustre brasileiro uniu a alfabetização com a conscientização política. A estreiteza ideológica do regime militar temeu e tremeu diante do acordar das consciências para as letras e a política. O processo sofreu seus reveses. A Igreja Católica tinha embarcado nele, criando em parceria com o Estado o Movimento de Educação de Base. E as pancadas repressivas obrigaram-no a modificar-se e perder muito de sua originalidade inicial.

Terminou o reinado efêmero do poder discricionário. De novo, estamos entregues à liberdade de nossas iniciativas educativas. O vexame vergonhoso do analfabetismo continua maculando-nos a consciência política e social. Numa sociedade cada vez mais feita de saber e ordenada ao saber, quem desconhece o compor-se das letras sofre exílio cultural em sua pátria. Estrangeiro em casa. Escrevem-se notícias, indicam-se instruções, circulam jornais e livros, e o analfabeto vive à margem desse universo de conhecimentos. Sem culpa. Nasceu lá aonde a leitura não tinha chegado por descuido político de um país que esconde em seu bojo milhões de famintos de pão e de conhecimento.

Só o descaso, a inconsciência, a irresponsabilidade política das elites de séculos explicam, no mundo moderno, com suas facilidades enormes de comunicação e ensino, a existência de

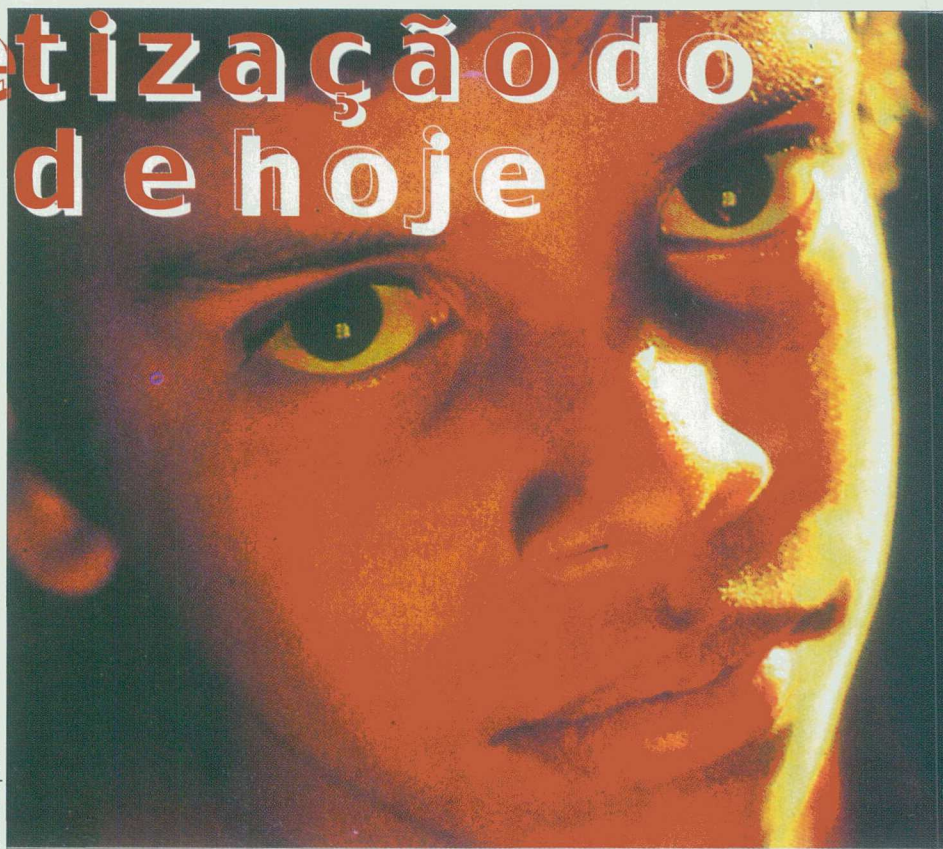


Foto: Popóli

O vexame vergonhoso do analfabetismo continua maculando-nos a consciência política e social. Numa sociedade cada vez mais feita de saber e ordenada ao saber, quem desconhece o compor-se das letras sofre exílio cultural em sua pátria.

Estrangeiro em casa. Escrevem-se notícias, indicam-se instruções, circulam jornais e livros, e o analfabeto vive à margem desse universo de conhecimentos. Sem culpa.

Nasceu lá aonde a leitura não tinha chegado por descuido político de um país que esconde em seu bojo milhões de famintos de pão e de conhecimento.

legiões de analfabetos e de milhões de crianças fora da Escola, fadadas a aumentar-lhes as fileiras. Pão e letras para todos deveria ser a consigna principal para os planos políticos de nossos candidatos, antes de pensarem em interesses menores. Tudo é pequeno diante da gravidade do direito fundamental à vida digna para todos, garantida pelo alimento do corpo e do espírito.


Estamos em fim e início de governos. Tempo de balanço do já feito e de projetos para o futuro. A Educação com E (maiúscula) serve de critério de julgamento e de prospectiva. Apesar de

um descuido bem generalizado séculos a fio, nem tudo é negligência. Há iniciativas que nos encorajam. A esperança tinge de cores o céu de muitas pessoas que viviam na névoa densa do analfabetismo, da consciência apeque-nada de si, da autoestima diminuída pela miséria material e espiritual. Aí entram anjos novos, não de uma Nova Era individualista, mas como os que tiraram Pedro da prisão e hoje retiram do cárcere do analfabetismo tantos outros Pedros e Marias.

Pedro pensava que estava sonhando quando viu as algemas se lhe caí-

rem e ele ir caminhando da escuridão da prisão para a luz da liberdade através dos inermes guardas do poder carcerário. Tantos irmãos nossos também sonham igualmente. Vão lentamente deixando a noite da não-leitura numa sociedade de letras para a clareza das palavras decifradas e compostas pela suas inteligências. Os guardas do sistema, que até hoje lhes vigiaram a saída, mantendo-os nessa prisão penumbrosa, sentem-se impotentes, dormidos, cabistonos, diante desses anjos da alfabetização.

Jesus no horto não pediu nenhuma legião angélica para salvá-lo. Porque tinha escolhido viver com os anjos e demônios da história. Se houvesse anjos humanos que o defendessem em vez de demônios que o condenaram, teria escapado. Hoje também não pedimos anjos do céu para alfabetizar. Deus nos deixou a história para que sejamos nós os anjos da vida para outros. Que horizontes bonitos se abriam para tantos jovens, que passam suas férias no aborrecimento e tédio de uma existência vazia, se eles saíssem em bandos felizes, levando as letras nas asas de sua dedicação até os grotões iletrados desse país!

Mais que pura generosidade pesa sobre todos nós um encargo de justiça em relação aos analfabetos. Estudamos apoiados nas ajudas e subsídios do Estado, que recolhe o dinheiro de todo o povo. Uma excelente maneira de devolvermos esse "empréstimo" social seria transmitir nossos conhecimentos aos que não dispõem deles. Uma cruzada de alfabetização redimiria todas as cruzadas de suas violências, transformando espadas em livros, violência em cultura, ódio em amor. Que todos nos sintamos chamados a ela como os medievais ouviram a voz de seus reis! 

J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Um pouco mais de ouvidos

Pe. Zezinho, scj

O que falta para muitos jovens da nossa geração, é um pouco mais de ouvidos de seus pais com um pouco mais de conversa.

Muitos rapazes e meninas não conseguem isso em casa.

Os pais não têm tempo ou não têm jeito, por isso nunca conversam.

Outros não têm tempo e não têm jeito, por isso nunca dão nem ombro, nem colo. Aí, esses adolescentes ou jovens têm a escolha de ficar sem ombro e sem colo ou procurar ombro e colo malicioso fora. Vão achar um ombro, um colo, uma palavra amiga em alguma pessoa da família, ou padrinho, ou madrinha ou alguém até menos qualificado que lhes dê atenção.

Felizes deles quando encontram bons amigos, gente que realmente quer o seu bem e os ajuda a não ter medo da vida.

O Brasil é este imenso país que precisa de mais escolas, de mais colo e de mais mãe.

As Igrejas também precisam dar mais escola e mais atenção aos jovens, isto é: um colo espiritual.

O fato é que temos milhões de adolescentes e jovens que a última vez que ganharam um beijo, um abraço, um olhar amigo e uma palavra em casa foi há muito tempo.

Isto devia acontecer todos os

O fato é que temos milhões de adolescentes e jovens que a última vez que ganharam um beijo, um abraço, um olhar amigo e uma palavra em casa foi há muito tempo. Isto devia acontecer todos os dias e até várias vezes ao dia.




Foto: Eduardo Russo

dias e até várias vezes ao dia.

O ser humano é tocado a carinho, ternura, conversa e amizade. Faltando isso, falta o essencial.

Oremos para que as igrejas e as famílias e os pais se tornem mais ouvintes de seus filhos, porque então, os conselhos serão ouvidos.

Quem ouve muito, na hora de falar também é ouvido. 

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Humildade e humilhação: um olhar comunicativo

Francisco Gomes de Matos

Humildade é um conceito-chave na Bíblia: encontramos passagens sobre essa virtude tanto no Velho Testamento quanto no Novo. Assim, humildade perante Deus (Sl 115,1; Eclo 3,20; Is 57,15; Lc 1,48), diante das pessoas (Mt 7,1-5; Jo 8,7) ou diante de si mesmo (Lc 17,10; Rm 12,3).

Interessante constatar que humildade e humilhação se originam do latim *humus*, que significa terra, solo. Das mensagens bíblicas inspiradoras sobre o estado ou a condição de ser humilde, duas das mais frequentes em dicionários de citações encontram-se no Evangelho de São Mateus: Felizes os mansos, porque possuirão a Terra (5, 5) e aquele que se exaltar, será humilhado; e quem se humilhar, será exaltado (23,12). Interessante observar, nesta segunda citação, que em português optamos pelo verbo "humilhar" o que pode não ocorrer em outras línguas. Assim, no Francês, por exemplo, o texto equivalente diz: *Quiconque s'élèvera será abaissé, et quiconque s'abaissera será élevé*. Em vez de "humilier", o texto francês "s'abaisser", que corresponderia a "rebaixar-se". Den-

tre as citações não-bíblicas sobre a humildade, selecionei esta, dentre as Máximas de François La Rochefoucault: "Muita gente quer ser piedosa, mas ninguém anseia por ser humilde". Das pouquíssimas citações sobre humilhação, escolhi esta: "Evitar a humilhação é o âmago da tragédia e da comédia", de autoria de John Guare, dramaturgo americano.

Se, por um lado, a humildade há muito tempo vem sendo objeto de atenção sistemática em diversas áreas, o mesmo não se pode dizer da humilhação: só recentemente foi elaborada uma *Teoria da Humilhação*, pela notável médica e psicóloga intercultural norueguesa Evelin Gerda Lindner, (lindner@psykologi.uio.no). Essa pesquisadora — verdadeira cidadã do mundo, pois já prestou assistência psicológica a muitos humilhados em diversos países — foi convidada para trabalhar também no modelar Programa de Resolução de Conflitos da Universidade de Columbia, coordenado por Andrea Bartoli, renomado especialista católico italiano, muito atuante nas ações sociais e espirituais da Comunidade Santo Egídio.

Após uma correspondência eletrônica com a referida humanizadora, pedi

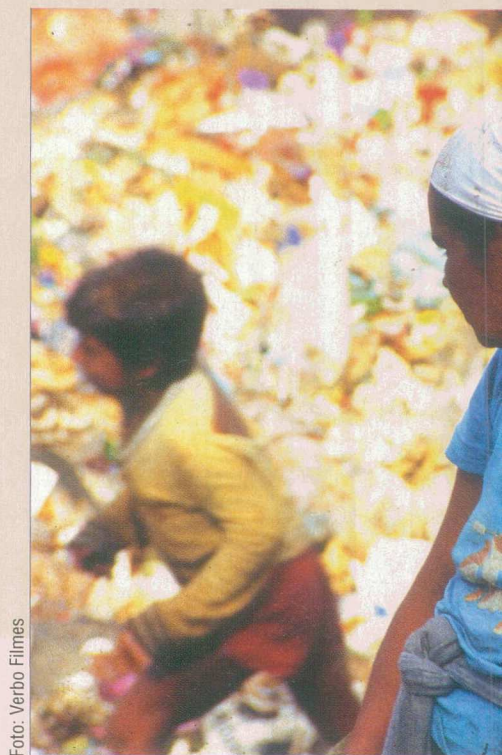


Foto: Verbo Filmes

que enviasse, para publicação nesta revista, uma definição ou caracterização de humilhação. Eis parte da contribuição recebida, com tradução minha: "Humilhação significa o rebaixamento forçado de uma pessoa ou um grupo. É um processo de subjugar que atinge ou subtrai o amor próprio, a honra ou a dignidade dessas pessoas. Ser humilhado(a) é ser colocado(a), contra a vontade, de maneira bem dolorosa, numa situação muito inferior à que se esperava.

A humilhação faz com que se trate indignamente as pessoas, transgredindo-se expectativas estabelecidas. Pode manifestar-se pelo uso da força, inclusive da violência. Em sua essência, humilhar é pôr ou manter no chão. Assim, a vítima é forçada a assumir uma passividade e uma condição de abandono". Acrescenta a Dra. Lindner que "uma pessoa pode sentir-se humilhada em consequência de um malentendido, ou por causa de diferenças pessoais ou culturais quanto a normas de interação respeitosa". Esclarece que "algumas vezes, a vítima pode até inventar uma



história de humilhação, para manipular outra pessoa, atribuindo-lhe o papel de execrável causadora do sofrimento". Didaticamente, a pesquisadora resume seu texto: "Humilhação é um ato, um estado emocional, um processo social de relevância para estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos e políticos. Talvez devido ao seu alcance interdisciplinar, a humilhação não tenha sido pesquisada com a profundidade que merece" (comunicação pessoal, 23/8/2002).

Concordei com a colega e acrescentei que a dimensão comunicativa da humilhação me parecia estar quase ausente da literatura na área de estudos lingüísticos, por isso, fiz algumas sugestões:

1. Comparar as fraseologias sobre humilhação em várias línguas. Assim, em Português, podemos ouvir alguém dizer: "Que humilhação!" "Nunca fui tão humilhado(a) em minha vida!", "Aquilo foi humilhante para nós". Quais serão as frases equivalentes em outras culturas?

O sentimento de humilhação é descri-

to segundo uma gradação: fui humilhado demais/muito; bastante? Para outros usos de humilhado/humilhante/humilhar, recomendo o excelente *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco S. Borba (São Paulo, Ática, 2002);

2) Pesquisar por que, geralmente, fica invisível a pessoa/o grupo que humilha — o(a) humilhador(a), o(a) opressor(a), o(a) vitimizador(a) — nos diversos textos (literários, políticos, etc.). Ao pensar nesta questão, lembro que o escritor russo Dostoiévski tem um livro intitulado *Humilhados e ofendidos*, que recebeu duas traduções em Inglês, segundo Dra. Lindner: em 1915, *The insulted and the injured (Os insultados e feridos)* e, em 1976, *The Insulted and Humiliated (Os insultados e humilhados)*;

3) Identificar os verbos que se assemelham a "humilhar", por representarem atos comunicativos desumanizadores. Em língua portuguesa, encontraríamos: afrontar, alfinetar, caluniar, diminuir (alguém), caluniar, degradar, denegrir, depreciar, desdenhar, des tratar, difamar, envergonhar, execrar, fustigar, HUMILHAR, incriminar, insultar, ridicularizar, vilificar, vilipendiar. Vale a pena ampliar a lista, como exercício de comunicação preventiva, pois o comunicar para o bem pressupõe a capacidade de evitar modos de tratar o nosso próximo lingüístico de maneira humilhante, injuriosa, ofensiva.

Uma das possíveis contribuições da Lingüística da Paz à comunicação construtiva, humanizadora tem a ver com a capacidade de monitorarmos ou controlarmos o uso de palavras e expressões que possam humilhar pessoas, grupos, comunidades, etc. Assim, ao sentirmos vontade de questionar/criticar/censurar alguém, perguntemos: se eu estivesse no lugar da pessoa quase humilhada por mim, o que iria sentir/sofrer?.

Estudiosos da área de Resolução Construtiva de Conflitos Comunicati-

vos costumam dizer que pelo menos cinco valores alicerçam essa atividade humanizadora: a reciprocidade, a igualdade humana, a partilha comunitária, a busca da paz e a falibilidade de nosso pensar, agir e interagir.

O quinto desses alicerces, a falibilidade, está muito ligado ao nosso papel de humilhadores, por isso, lembremo-nos das palavras de Madre Teresa de Calcutá: "Vejo Deus em cada ser humano". Uma das lições a extrair dessa simples, mas profunda afirmação, é a de que, ao humilhar-mos pessoas, estaremos humilhando a Deus. Em suma, precisamos nos desafiar constantemente a tratar bem as pessoas e a retratá-las bem, com vocabulário que as dignifique e respeite, tanto em nossa língua materna, quanto em outras. A propósito, quando alguém valendo-se de sua condição de poligrota, humilha seu próximo numa língua desconhecida, por essa pessoa, não estará sendo ainda mais desumanizador, pois esconde-se covardemente através de outro idioma?

Em suma, é nosso dever cultivar o difícil papel de "humildes" em nossa vida. Ao mesmo tempo, precisamos estar atentos para que nossa falibilidade comunicativa e espiritual não nos leve a humilhar outras pessoas, através da linguagem falada, escrita ou de sinais. Cumpre-nos, também, denunciar quando perpetradores de humilhação verbal atigem pessoas sem que estas percebam estarem sendo vítimas de uma comunicação destrutiva. Com humildade, mas com firmeza comunicativa, combatamos os humilhadores, reeducando-os à luz de valores éticos, morais e espirituais. Por falar em ética, recomendo o inspirador livro de Vicente Masip, *Ética, Caráter e Personalidade*, recém-publicado pela Editora Pedagógica e Universitária (São Paulo).



Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Depto. de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. Membro da Comissão de Direitos Humanos, CAC, UFPE, Recife. fcgm@cashnet.com.br

Restaurar as emoções

José Cristo Rey Paredes

A partir de 1820, "paixões" e "afetos", termos próprios da psicologia cristã, começaram a ser substituídos por "emoções". Seu introdutor foi um professor de Filosofia Moral, da Universidade de Edimburgo, Thomas Brown. Sua obra, *Lecciones de Filosofia*, sobre a mente humana, foi um *bestseller* com 19 edições, esgotadas em pouco tempo. Falava das "emoções" como resposta fisiológica, como química da alma. Com sua obra, iniciaram-se pesquisas sobre a psicologia das emoções. Até o próprio Darwin dedicou um livro, em 1872, à expressão das emoções no homem e nos animais. A visão eclesial sobre o tema tornou-se obsoleta e foi suplantada pela análise leiga. A alma entrou na casa da psicologia.

A lista de paixões e afetos da alma, dos autores cristãos do Renascimento, e a dos novos psicólogos são praticamente as mesmas (ira, medo, alegria, pena, esperança, orgulho, etc.), mas a noção de pessoa, sujeita a esses estados de espírito, é absolutamente diferente.

Resgatou-se — a teologia também! — uma visão unitária e não dualista do ser humano. Passou-se a entender que corpo e espírito não são duas realidades separadas, divididas. Reconheceu-se que o ser humano é um magnífico resultado de milhões de anos de evolução e que o fenômeno das emoções é fundamental para sua compreensão.

Mas, afinal, o que é emoção? A emoção é o que agita o movimento da vida. Emocionar-se, sentir, é algo que nos é natural, reagir com alma e corpo, ruborizar-se, sentir o coração palpitando, enervar-se, excitar-se, extasiar-se... diante do perigo ou do prazer que

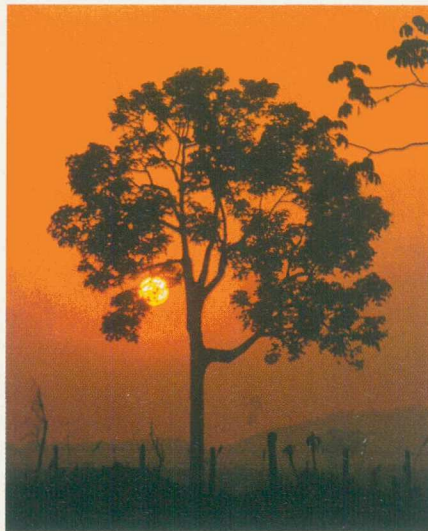


Foto: Verbo Filmes

Costumava-se dizer, antes, que o mais sublime do ser humano não eram as emoções, mas as convicções procedentes da inteligência, de nossa alma racional. As emoções eram consideradas como vindas de nossa dimensão animal. E, no entanto, as emoções são nosso "escudo protetor":

nos chega e envolve. Somos seres emotivos. Nosso cérebro foi feito para suscitar emoções e registrá-las. Em seus circuitos emocionais, tudo acontece e é detectado.

Costumava-se dizer, antes, que o mais sublime do ser humano não eram as emoções, mas as convicções procedentes da inteligência, de nossa alma racional. As emoções eram consideradas como vindas de nossa dimensão animal. E, no entanto, as emoções são nosso "escudo protetor". É porque nos emocionamos, que nos defendemos dos perigos, e nos encantamos com uma bela paisagem ou um pôr-do-sol. Porque nos emocionamos, produzimos, cri-

amos, buscamos, sobrevivemos. Sem emoção, estaríamos expostos aos males do mundo e, por outro lado, ficaríamos insensíveis a todos os seus bens.

As emoções provocam a curiosidade, a expectativa, a atenção. É uma das aquisições do cérebro, ao longo dos anos. A emoção é o motor suscitador das coisas novas. Os mamíferos são, por natureza, curiosos. A curiosidade nos conduz à descoberta, à aventura, ao desconhecido, ao limite. Não é isso religião autêntica, arte, filosofia, mística? São as emoções que nos tornam aventureiros.

Mas, nem por isso, temos de renunciar à inteligência. O movimento emocional deve ser conduzido. Um autor contemporâneo, Daniel Gleman, descreveu-o em seu livro, *Inteligência Emocional*. Muita gente comprou e devorou o livro como quem encontra a chave de um tesouro, esperado há muito tempo.

Por que não recuperar as emoções? O cristianismo tem funcionado, desde suas origens, como comunidade de emoções e não tanto como comunidade intelectual e tem empregado linguagem emocional para transmitir sua mensagem. A comunidade de discípulos e de discípulos formou-se, não em torno de uma doutrina, ou de um sistema filosófico, nem tampouco foi calcada nos ensinamentos de um mestre ou de um sábio, mas brotou de uma experiência que dava sentido à história e punha em ordem o caos da injustiça: a chegada do reino de Deus, a Ressurreição. Eis algumas dicas urgentes: comunicação emocional da fé, religião emocional, maturidade emocional dos que têm fé, e cristologia emocional.



José Cristo Rey García-Paredes é sacerdote, missionário Claretiano, Madrid, Espanha.

Senhora da Esperança

Roque Vicente Beraldi

*Nossa Senhora da Esperança, por
Carlota Gabriela Besnard-Duvray
(Capela do Hospital de Berck-sur-Mer).*

O título Nossa Senhora da Esperança sempre existiu. Os fiéis em todos os tempos, confiantes, invocavam a Maria solicitando auxílios para superar as dificuldades. Ciente da generosidade materna de Maria, a Igreja dirige-se a ela com a mesma esperança. Pela liturgia, invoca a mãe de Deus, sob vários oragos. No decorrer dos séculos, essa esperança consolidou-se. Foi na França, em Mezières, que os cristãos experientes da proteção da humilde virgem de Nazaré, ergueram um santuário sob esta invocação, Senhora da Esperança, em 930.

Pedro Álvares Cabral em sua expedição exploradora para o Brasil trouxe consigo uma pequena imagem de Nossa Senhora da Esperança. Daquela época, até a concretização dessa devoção a Nossa Senhora Aparecida de hoje. No Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em 1955, essa imagem retornou ao Brasil. Atualmente é venerada numa capela, na cidade de Belmonte, em Portugal.

Corria o ano de 1871 quando esmagados pelo peso da guerra prussiana que gerava fome, e no mais rigoroso inverno, as populações confiantes rezavam esperando sua proteção. Até o bispo fez promessa a Nossa Senhora da Esperança pedindo seu amparo ao povo francês tão sofrido naquela terrível guerra.

No dia 17 de janeiro, um menino

de doze anos chamado Eugênio, ao entardecer, viu uma senhora no telhado da sua casa. Seu pequeno irmão José de dez anos, também viu. Os pais e outras pessoas nada viam. Pensaram tratar-se de ilusão infantil. Após o jantar, a imagem continuava lá e os meninos afirmavam vê-la. Foram chamados então, o padre, a Irmã Vitaline, que era a professora das crianças e também nada viam. Porém, duas meninas internas que acompanhavam a irmã viam-na perfeitamente. Além disso, puderam contemplar como apareceram escritas estas palavras: "Rezai, meus filhos, Deus vos atenderá dentro em breve. Jesus se deixa enternecer".

Dez dias depois deste acontecimento, foi assinado o termo do fim da guerra entre a França e Alemanha. Este fato provocou muito interesse em toda a região. O Bispo de Laval, (cidade da França departamento de Mayenne) ordenou rigoroso estudo sobre tais aparições e finalmente reconheceu sua autenticidade, autorizando o culto da mãe de Deus, sob o título de Nossa Senhora da Esperança de Pontmain.

No México, conforme narra a tradição, uns lavradores encontraram uma árvore, cuja raiz formou uma imagem. Levaram-na ao Pároco, que admirado da perfeição dos traços, colocou-a num dos altares da igreja. Construiu-se uma capela, mas depois de algum tempo, a

imagem foi levada definitivamente para a Matriz, onde o povo a venerava chamando a imagem de Nossa Senhora da Raiz da Esperança. Por autorização do Papa Leão XIII, o Arcebispo do México delegado pontifício, coroou a imagem.

Oração

(de Santo Antônio Maria Claret)

Graças te damos, Pai Santo, porque deste à Virgem Maria um coração sábio e dócil, sempre disposto a te agradar, um coração novo e humilde, para nele gravar a lei da Nova Aliança, um coração sensível e puro, que a fez digna de conceber virginalmente a teu Filho, um coração firme e disposto a suportar todas provações e dor, um coração firme na fé e na esperança da ressurreição de teu divino Filho. Dá-nos igualmente um coração sábio e dócil, novo e humilde, sensível e puro, firme e disposto a imitá-la e trabalhar com perseverança pela salvação do mundo. Amém.

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.



Pintura: Andrea Mantegna, *Circuncisão ou Apresentação no Templo*, Museu de Florença, Itália

Damos prosseguimento, nesta edição, a mais duas estações da “Via Sacra de Maria” de um total de 15.

4ª Estação: A caminhada, de porta em porta, em Belém (Lc 1,6-7).

Após tão longa caminhada para a cidade de Belém, não encontrando lá pousada, mandaram-te passar além.

Por certo, deve ter sido bem penoso para Maria. Ela deve ter experimentado a mesma sensação frustrante de um desempregado que chega à porta de um estabelecimento qualquer e se depara com um frio letreiro: “Não há vagas”. O desconcerto deveria ser ainda maior quando se tinha em mente a profecia de Miquéias, anunciando que

Maria na Bíblia

Geraldo Araújo de Lima

o Messias deveria nascer ali, em Belém! Além do mais, Belém não lhe era terra estranha, pois era a terra natal do seu esposo, o qual, por sinal, era da ilustre família do rei Davi. Porém... “santo de casa não faz milagre!”.

“Não havia lugar para eles na hospedaria” ... Segundo a maioria dos intérpretes, trata-se aqui de um caravançarai, que é um grande abrigo público para acolher as caravanas, ainda hoje visível em países do Oriente Médio e na Turquia. Ora, se Maria e José terminaram procurando um recanto no caravançarai, isto quer dizer que já haviam esgotado, antes, todas as possibilidades de achar um lugarzinho na casa de parentes, amigos e conhecidos, que, sem dúvida, eles deveriam ter na região. Abandonar-se à vontade do Pai não quer dizer cruzar os braços e esperar que tudo caia prontinho do céu; bem ao contrário, significa fazer da nossa parte todo o possível para resolver as dificuldades e, na hora dos resultados, quaisquer que sejam, entregar-se nas mãos de Deus.

“A imaginação popular coloca aqui cenas comoventes: Maria e José vão de porta em porta, de uma os mandam para outra... Os evangelhos não contam nada sobre isso. Mas, alguma coisa parecida deve ter acontecido. Seria o mais natural” (F. William).

5ª Estação: A caminhada para a “apresentação” no Templo (Lc 2,22-38).

Quanto mistério pairando no ar! Seu pai e sua mãe estavam admirados com as coisas que foram ditas sobre o Menino: *ocasião de queda para muitos... sinal de contradição... uma espada a traspassar a alma para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações!*

Todos nós, de uma maneira ou de outra, já nos detivemos pela enésima vez diante desta cena comovedora: o velho profeta Simeão, certamente com os olhos da carne já cansados pela idade, mas com *os olhos do coração iluminados por Deus* (Ef 1,18), tomando o menino Jesus em seus braços trêmulos, mergulhar de cheio “no oceano do Espírito” ... e exclamar: *Agora, Soberano Senhor, podes despedido em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra, porque meus olhos viram Tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações!*

Santa Teresinha também se deteve com amor:

Maria, amo ao ver-te também, entre as outras mulheres.

Os passos dirigindo ao Templo do Senhor.

Amo-te apresentando o nosso Salvador àquele santo ancião que o tomou em seus braços.

Em princípio, sorrindo, escuto o canto dele.

Logo, porém, seu tom me faz cair em pranto.

Pois, sondando o porvir com olhar de profeta, Simeão te apresentou uma espada de dores.

Rainha do martírio, até a noite da vida. Essa espada de dor traspassará teu peito!

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

Margarina da Escócia

16 DE NOVEMBRO

(1046-1093)

O século XI é o início de mudanças na Europa e na Igreja. Esse período marca o fim do 'século de ferro', em que a Igreja esteve dominada por famílias nobres romanas e de outras regiões que a utilizavam para seus interesses políticos e comerciais. Por outro lado, percebem-se muitos erros eclesiais: simonia (venda e compra de cargos e ofícios eclesiásticos e de sacramentos); nicolaísmo (situação em que o clero não respeitava o celibato); início do surgimento das 'heresias medievais' que questionavam a riqueza, desmandos das lideranças eclesiais e as imoralidades que tanto abalavam o testemunho e integridade do Cristianismo.

Muitos desses pecados foram causados pela chamada 'investidura leiga', costume segundo o qual eram os reis, nobres e senhores feudais que nomeavam pessoas de sua família ou amigos para exercer cargos eclesiásticos. Muitas daquelas pessoas, não tinham vocação para o sacerdócio ou para a vida religiosa e com isto, não assumiam os seus compromissos com integridade e seriedade.

Felizmente, houve muitos movimentos de mudança, as reformas, que tentaram combater aqueles males: a 'reforma monástica de Cluny', a dos papas alemães a partir de 1049 e a grande obra reformista do papa Gregório VII (1073-1095) que combateu a 'investidura leiga' a maior causa dos pecados eclesiásticos do período.

Nesse contexto, viveu Santa Margarida da Escócia. Filha de reis, nascida na Hungria, pois sua família estava desterrada por causa de lutas políticas. Foi educada na fé cristã. No ambiente lu-

xuoso, escandaloso e perigoso da corte, pôde dar testemunho de vida cristã íntegra e correta. Nesse período, a Inglaterra vivia uma situação de grande instabilidade interna em função, principalmente, das lutas pelo trono real. Margarida foi pedida em casamento pelo cruel e sanguinário rei Malcolm III e ela, a pedido de sua família, aceitou-o como esposo. Com seu exemplo, dedicação e confiança em Deus, ela mudou o ambiente da corte e fez com

envolver um culto espontâneo a ela, que foi se expandindo por várias regiões e, posteriormente, à Igreja universal.

Hoje em dia, enquanto cresce a pobreza e a miséria de milhões de pessoas, nos altos escalões políticos e empresariais, leva-se uma vida de luxo e fausto. Muitas vezes, torna-se evidente e escandaloso ante a morte pela fome e por atentados contra os direitos e dignidade das pessoas. Estes ambientes



que seu marido agisse de forma mais humana e cristã. Tiveram seis filhos, sendo que dois deles se tornaram santos, David e Edith, que foi rainha da Inglaterra com o nome de Matilde.

Além de influir na mudança da corte, ela trabalhou pela renovação e reforma da Igreja em seu país: convocando concílios locais e solucionando problemas pastorais, litúrgicos (combate aos rituais pagãos, profanos e heréticos); construiu igrejas, mosteiros e albergues para peregrinos e prisioneiros. Quando morreu, o povo começou a de-

precisam de pessoas como Santa Margarida, modelo de:

- fé coerente em Deus que se transforma em atitudes de amor para o próximo;
- mulher de oração e contemplação que encontra aí a força para ser fiel a Deus;
- pessoa que não se deixa corromper nem influenciar pelos ambientes mais ricos, consumistas e decadentes;
- esposa fiel que, com testemunho e perseverança, converte o marido e conduz os filhos à santidade.

André Dung-lag

presbítero e companheiros mártires

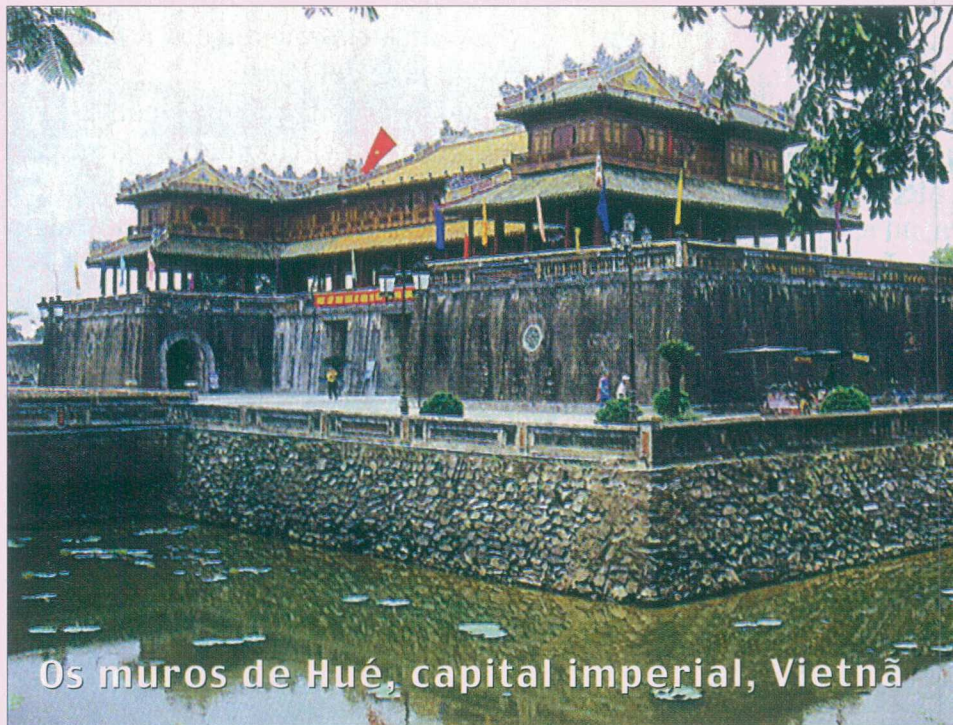
24 DE
NOVEMBRO

Os séculos XVIII e XIX foram marcados, na Igreja Católica, por vários acontecimentos ímpares. A aplicação e concretização dos decretos reformísticos do Concílio de Trento, ocorrido no século XVI; as perseguições e humilhações sofridas pela Igreja em vários países, motivadas pela propaganda anticlerical dos iluministas, modernistas e liberais; a necessidade de se estabelecer um diálogo sério e respeitoso entre Igreja Católica e Igrejas protestantes, em franca expansão; a difícil adaptação da Igreja às novas posturas defendidas pela modernidade; a grande expansão missionária na América, África e Ásia, em grande parte, devido aos frutos apostólicos da 'Propaganda Fidei', organização católica fundada no início do século XVII para se dedicar às missões.

A tarefa dos missionários não foi fácil e foram muitos os mártires da fé em todos os continentes. Na Ásia, o Cristianismo se defrontou com religiões e culturas pré-cristãs que já estavam sedimentadas na população.

Evangelizar num contexto religioso tradicional exige diálogo, maturidade, aceitação do outro, inculturação, ou seja, anunciar Jesus Cristo valorizando os valores do Reino e evangélicos que já existem na cultura local; dialogar e enfrentar as autoridades locais que muitas vezes identificam religião com governo e não aceitam outras formas de expressão religiosa, optando por um único culto ou religião, etc.

Todos estes problemas fazem parte da evangelização do Vietnã, país tão rico de tradições, no qual se fizeram presentes missionários católicos. Nes-



Os muros de Hué, capital imperial, Vietnã

se país, houve vários mártires que morreram em várias datas diferentes, mas que são celebrados neste dia.

Esses mártires eram de vários países: vietnamitas, espanhóis e franceses. Eram de diferentes estágios de vida cristã: bispos, sacerdotes, seminaristas e leigos. Os leigos tinham várias atividades e profissões distintas: catequistas, pais de família, médicos, militares, agricultores, pescadores, etc. Todos sofreram cruelmente e não esmoreceram na fidelidade à fé cristã. Santo André foi catequista e sacerdote, morto em 1839, e deu testemunho de grande espírito missionário e fidelidade a Jesus Cristo, como todos os outros seus companheiros.

Atualmente, o Cristianismo vive uma fase de declínio numérico na Europa, de equilíbrio nas Américas e crescimento em vários países da África e Ásia. Apesar de que na Ásia, os cris-

tãos são minoria e, em alguns países, não chegam a 2% da população. Há todo um trabalho missionário a ser desenvolvido. Neste contexto de tradições milenares e onde Jesus Cristo é pouco conhecido, precisamos de homens e mulheres que, como Santo André e seus companheiros mártires, sejam modelo de:

- amor incondicional ao Deus de Jesus Cristo e ao Reino;
- fidelidade a Jesus Cristo e à sua Igreja;
- fidelidade às autoridades locais no tocante aos compromissos pela preservação da paz e da integridade social;
- testemunho coerente de vida e fé diante das incompreensões e perseguições;
- coragem ante o martírio e confiança em Deus que dá a verdadeira vida.

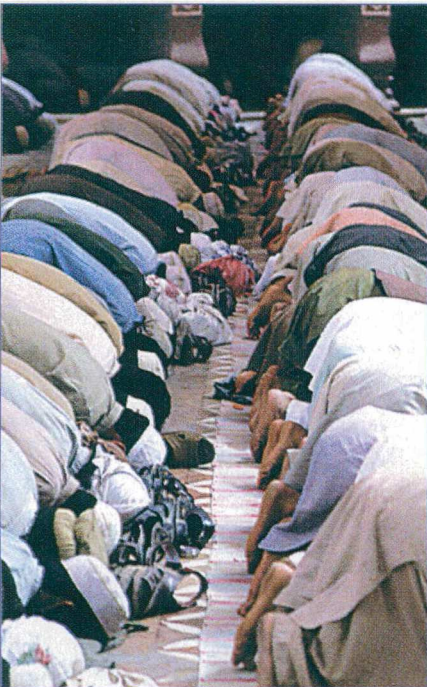
Século XXI, desafio para a Igreja

Ronaldo Mazula

(Continuação)

Dando continuidade ao tema: A Igreja no contexto atual, a partir de análise da situação da Igreja do Brasil e de suas perspectivas internas, apresentamos a questão dos católicos que migraram para outras religiões e ainda, o que os meios de comunicação têm a nos dizer hoje.

O problema dos católicos que abraçaram outras religiões



Pesquisas são insuficientes para explicar tais atitudes, mas é provável que a maioria seja do meio dos católicos de origem rural que não encontram condições satisfatórias para ingressar em comunidades católicas urbanas. A

Igreja tem que refletir mais sobre este assunto. Existem causas gerais (como a reação em sentido fundamentalista da população que migrou para a cidade e se vê exposta à insegurança e incerteza) e causas específicas, entre as quais, muitas decorrem de falhas na ação pastoral (a lentidão ou atraso com que a instituição eclesial chega aos setores da população mais carente e mais exposta à incerteza, como os migrantes recém-chegados à cidade, famílias em dificuldades...; a falta de acolhida nas comunidades católicas; a pouca atenção à sensibilidade religiosa ainda marcadamente rural e pré-moderna de muitos católicos).

O desafio dos meios de comunicação social

Este campo foi marcado, nos últimos anos, por numerosos avanços tecnológicos e por uma crescente instrumentalização ao poder econômico e político. Ela estimula o consumo e cria ilusões: contribui para manter o povo num estado de passividade, de mero espectador.

A Igreja tem como missão essencial anunciar e comunicar o Evangelho. Deve, porém, questionar-se permanentemente sobre o modo mais autêntico e eficaz de fazê-lo, atualmente. A comunicação básica da Igreja é a comunicação interpessoal, que cria comunidade e comunidade entre as pessoas. É preciso, porém, verificar concretamente se o Evangelho de Cristo é vivi-



Foto: Eduardo Russo

do e comunicado, nas circunstâncias atuais, em nossas comunidades. É preciso, especialmente, verificar quais 'ruídos' ou obstáculos impedem ou dificultam a comunicação entre a Igreja e o mundo, entre os cristãos e a sociedade, e na vida interna da Igreja.

Falamos uma linguagem que o mundo atual não conhece.

- complicamos demasiadamente a mensagem, sobrecarregando-a de elementos secundários, escondendo e sufocando o essencial;

- transmitimos, através de meios de curto alcance, que só atingem os que já estão perto, enquanto não chegam aos 'afastados'.



Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Falando consigo mesmo

Wimer Botura, Jr.

O diálogo interno pode ser processado simplesmente consigo mesmo ou envolvendo outras pessoas. Vamos a um exemplo.

Jaime tinha que escrever um artigo para um jornal, com prazo definido, por sinal, quase esgotado. Não parava de falar consigo mesmo:

— Marquei para hoje um jantar às 20h, com meu amigo, mas como estou escrevendo e a inspiração apareceu por volta das 18h, percebo que aos poucos vou ficando mais apressado. Digito mais rápido, em compensação erro mais e deixo de colocar acentos. À medida que se aproxima a hora de sair, começo a me sentir dividido, pois a inspiração está rica e o compromisso também é interessante. O que fazer? Telefone para meu amigo, adio o jantar ou simplesmente me atraso alguns minutos?

Enquanto Jaime vai produzindo, seu organismo esta processando várias informações ao mesmo tempo. Como ele tem dentro do seu sistema a crença "não se deve deixar alguém esperando nem por alguns minutos, mesmo que em sua casa", acaba interrompendo a inspiração.

Telefona para o amigo e posterga sua chegada. O amigo lhe responde:

— Não tem problema, Jaime. Achei de chegar de um passeio, e minha mulher não teve tempo nem de começar o jantar. Estava torcendo para você atrasar um pouco mesmo.

Jaime termina o diálogo com o amigo e sua inspiração também vai embora. Sem ter o que fazer, vai para casa do amigo e chega cedo para o jantar. E o diálogo interno que causou a aceleração na escrita, causou o telefonema e o bloqueio da inspiração, era mais ou menos assim:

— Filho, nunca deixe-lhe alguém te esperando. Corra, vá logo, não decepcione as pessoas. Seja adequado, avise pelo menos com antecedência. Coitado do seu amigo, vai ver que deixou de fazer alguma coisa importante somente para recebê-lo.

Neste caso, existe a consciência do diálogo interno. Se não houvesse a consciência, possivelmente Jaime aca-



Foto: Eduardo Russo

O diálogo consigo mesmo é processado independente da nossa vontade. Muitas vezes, ele é mais forte que nossa capacidade de revertê-lo, porém temos a possibilidade de conseguir mudá-lo.



baria ficando com raiva de ter marcado o jantar, como se não fosse também para o seu prazer. Ficaria preocupado com sua saúde, pois surgiriam alterações corporais inerentes à ansiedade. Talvez fumasse alguns cigarros a mais ou bebesse uns drinques a mais, comesse mais e tivesse uma ressaca.

O diálogo consigo mesmo é processado independente da nossa vontade. Muitas vezes, ele é mais forte que nossa capacidade de revertê-lo, porém temos a possibilidade de conseguir mudá-lo. Para tal, é preciso conhecê-lo e não se sentir fracassado por tê-lo, ou ser derrotado por ele, coisa muito comum de acontecer. É importante que tenhamos consciência de que o nosso maior inimigo está quase sempre dentro de nós, e por termos medo de fracassar na luta contra ele, preferimos nos defender usando as outras pessoas ou as circunstâncias externas. O inimigo está dentro de nós e foi colocado ali pela nossa própria família.

Quando os pais são "bonzinhos" ou mantêm uma postura misturada de salvadores e vítimas, os filhos ficam imobilizados, pois lutar contra os diálogos internos significa desobedecer ou agredir os pais. É muito comum as pessoas terem medo de olhar para sua vida interior, pois acreditam que terão de agir de qualquer maneira, em decorrência do que vêem revelado. Acreditam que terão de brigar ou romper com seus pais, o que não é verdade, nem sequer necessário. Precisamos, em primeiro lugar, identificar como foi criado o nosso diálogo interno, lutarmos contra o que nele há de ruim e não lutarmos contra as pessoas. (Continua).

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

ENTRADA**MAIONESE DOCE PARA O NATAL****Ingredientes**

- 50 g amêndoas sem pele, picadas
- 50 g nozes picadas
- 50 g avelãs, sem pele, picadas
- 50 g frutas cristalizadas
- 1 abacaxi (fruta) picado em cubos
- 50 g uvas passas pretas
- 50 g uvas passas brancas

- 2 cachos de uvas rosadas
- 1 maçã vermelha, descascada, picada em cubos (coloque por último)
- 1 lata de creme de leite
- 250 g de maionese light

Modo de preparar

1. Misture tudo em vasilha grande.
2. Servir com carne de peru ou tender

PRATO PRINCIPAL**PERU RECHEADO COM FAROFA DE CASTANHA PORTUGUESA****Ingredientes**

- 1 peru de 5kg temperado, com termômetro
- 1 litro de vinho branco seco
- 1/2 cabeça de alho amassado, com casca
- 2 cebolas picadas, grosseiramente
- 3 folhas de louro
- 1 pimentão, em grãos

Farofa

- 4 colheres/sopa de manteiga sem sal
- 2 xícaras/chá de uvas-passas brancas
- 1 xícara/chá de conhaque
- 1 xícara/chá de nozes picadas
- 1 colher/sobremesa de sal
- 1 colher/sopa de açúcar
- 300g castanhas portuguesas, cozidas, descascadas
- 500g farinha de mandioca crua

Modo de preparar

1. Tempere o peru, na véspera, com todos os ingredientes.
2. Deixe coberto na geladeira por 24 horas, virando-o a cada 4 horas. Enquanto isso, vá preparando a farofa.
3. Deixe as uvas passas de molho no conhaque e, depois, descarte a bebida.
4. Leve a manteiga ao fogo com as passas, o açúcar e o sal. Misture bem e junte a farinha, mexendo por cerca de 3 minutos. Retire do fogo e, quando esfriar, acrescente as nozes e as castanhas picadas.
5. Recheie o peru com a farofa, leve-o a uma assadeira untada, juntamente com os temperos da marinada.
6. Cubra com papel-alumínio e ponha-o no forno pré-aquecido a 180° por, aproximadamente, 40 minutos. Depois, retire o papel e espere dourar.

SOBREMESA**MUSSE DE CHOCOLATE****Ingredientes**

- 1 tablete de chocolate meio amargo (200g)
- 1/2 xícara/chá de leite
- 4 claras
- 4 gemas
- 4 colheres/sopa de açúcar
- 1 lata de creme de leite sem o soro
- Chantilly e cerejas

Modo de preparar

1. Dissolva o chocolate em banho-maria e junte o leite. Em outra vasilha, bata 4 claras em neve com 4 colheres de açúcar. Reserve.
2. Misture ao chocolate derretido o creme de leite, sem o soro, até ficar moreno. Junte as 4 gemas batidas com uma xícara/chá de açúcar, e um pacotinho de gelatina incolor, dissolvida em uma xícara/chá de água.
3. Por último, despeje tudo na vasilha com as claras em neve, mexendo, devagar com uma colher de pau, de baixo para cima, até o musse ficar todo igual.
4. Leve à geladeira em forma untada com óleo. Depois de gelado, desenforme e enfeite com chantilly e cerejas.



Sagrada Família, Jesus, Maria e José

29 de dezembro

INTRODUÇÃO

Na Sagrada Família, como nas nossas, há alegrias e sofrimentos, desde o nascimento até a infância e na idade adulta; cada um de seus membros amadurece com os acontecimentos alegres e tristes.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: Eclo 3,3-7.14-17a

O quadro apresentado na leitura de hoje, poderá não corresponder, sob muitos aspectos, à situação de nossas famílias, hoje.

De fato, os tempos mudam, mas a palavra de Deus não se altera. Por sua força interna, sempre será luz para todos os nossos problemas.

A Sagrada Escritura aponta-nos que o critério supremo de vida da família deve ser procurado no exercício da caridade, que é a verdadeira fonte da unidade familiar. E dá-nos, como um exemplo, o cuidado que os filhos devem ter para com os pais idosos. Algumas vezes, porém há quem queira se eximir desse cumprimento da vontade de Deus, porque o pai ou a mãe, ou ambos, já não estão muito lúcidos e até

ofendem justamente os que estão cuidando deles.

Sabemos que essas coisas, infelizmente, acontecem, mas devemos, no entanto, lembrar-nos de que o amor deve ser incondicional. Não se ama uma pessoa porque ela é boa, mas amando-a é que a ajudamos a tornar-se boa. Se isto vale para todos, vale, sobretudo, em relação aos próprios pais. Diante de hábitos que não se consegue mudar, não nos resta outro caminho senão cultivar a paciência.

2.ª leitura Cl 3,12-21

A mensagem, meditada na 1.ª leitura, cujo exemplo era o bom relacionamento que os filhos devem manter com seus pais, estende-se, agora, aos esposos.

Na parte central do texto, são indicados alguns meios indispensáveis para se conseguir o entendimento entre todos os membros da família: a oração em comum, o diálogo e o bom recebimento das críticas: *perdoai-vos, mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem*. E indica a maneira de fazê-lo: *Como o Senhor vos perdoou, assim fazei também vós* (v.13).

Para nós, cristãos, o perdão é a chave de bom sucesso em todas as relações. Pela graça de Deus, abrimos mão do amor próprio ferido e acolhemos quem nos ofendeu. Ou, então, rezamos a Deus que nos ajude a vencer a barreira do orgulho e procuramos aquele a quem ofendemos e nos reconciliamos com ele.

Principalmente dentro de casa, entre pais e filhos, e vice-versa; no relacionamento mútuo, entre marido e mulher, vale o que o Apóstolo escreveu: *Mas sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição* (v.14).

Aí, sim, *reinará em nossos corações a paz de Cristo* (v.15). E porque toda a nossa vida espiritual depende intimamente de nossa união com Cristo, ob-

tida pela sua graça e pela oração, conclui: *E sede agradecidos!*

Evangelho Lc 2,22-40

Mesmo sendo Deus, Jesus aceitou plenamente a condição humana e compartilhou, desde sua infância, de todas as experiências dos homens.

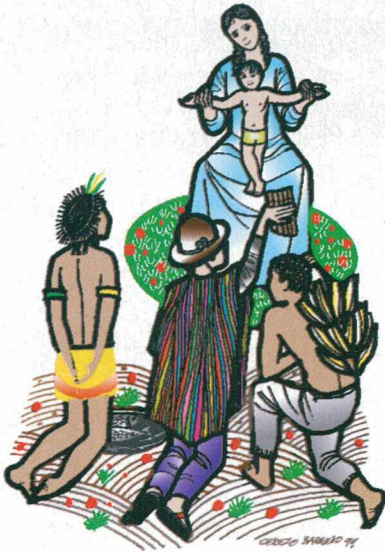
A Lei judaica prescrevia que todos os primogênitos, quer homens, quer animais deviam ser oferecidos ao Senhor (cf. Ex 13,1-16). José e Maria assim o fizeram. Em seguida, ainda como estava determinado, resgataram-no, oferecendo a Deus um par de pombas para que fossem imoladas no lugar do filho. Com alegria, cumpriram todas as prescrições da Lei do Senhor. Sabiam da importância disso para seu filhinho.

Hoje, os pais se preocupam, por razões justas, em dar uma boa educação, instrução, profissão e uma posição social elevada para os próprios filhos. Mas isto não é suficiente.

Sabemos que as crianças aprendem mais com os olhos do que com os ouvidos. A vida cristã dos pais é a melhor escola para catequizar os filhos. Se os pais rezam em casa, os filhos aprendem a rezar com eles; se os pais lêem a Bíblia, os filhos aprendem a buscar luz para suas vidas na palavra de Deus; se os pais participam fielmente dos encontros da comunidade cristã, os filhos os acompanham e se tornam cristãos comprometidos; se os pais praticam o amor, o perdão, a generosidade para com os irmãos, os filhos os imitarão.

REFLEXÃO

Será suficiente termos recebido o batismo e termos casado na igreja para podermos ser considerados um casal cristão? Temos consciência da influência de nosso exemplo na educação de nossos filhos, de nossos alunos, de nossos empregados?



Jesus, estrela guia de todos os povos

Epifania do Senhor

5 de janeiro

INTRODUÇÃO

Celebrar a Epifania significa proclamar que Jesus está no meio de nós e pode ser encontrado por todos os que o procuram, com sinceridade.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 60,1-6

Israel tinha recebido a missão de reunir todos os povos na descendência de Abraão e de realizar assim a promessa do universalismo da salvação. Mas acreditou, erroneamente, poder fazer essa unidade por meio da observância externa de normas particulares: a lei, o sábado, a circuncisão. Só a fé de Abraão teria sido capaz de reunir todos os pagãos, mas os judeus não souberam desligá-la de suas práticas legais.

O anúncio de um novo povo de Deus, de dimensões universais, prefigurado e preparado no povo eleito, realiza-se plenamente na Igreja de Jesus Cristo, a cuja luz caminhamos.

Ser luz de Cristo, para nós, cristãos, significa, hoje, não nos envolvermos nas

trevas do preconceito e da divisão, mas respeitar, por exemplo, outras religiões, nas quais se reconhece também a luz do Espírito. Isto se traduzirá, na prática, em nos unirmos naquilo que nos é comum, deixando de lado as diferenças.

2.ª leitura Ef 3,2-3.5-6

Para Jesus convergiu o plano de nossa salvação, desejado por Deus. É ele quem começa a reunir os povos, a dar unidade à grande família humana. Esta se realizará plenamente quando a fé em Jesus Cristo fizer cair as barreiras existentes entre nós e nos sentirmos irmãos.

Paulo o descreveu brevemente aos efésios: não só os judeus são chamados à herança em Cristo, mas também os pagãos — *são co-herdeiros... da Promessa em Cristo Jesus* — que, ao ser anulada toda barreira, passaram a formar com os judeus um único povo: *são membros do mesmo Corpo!*

Como é de nosso conhecimento, a aceitação dessa doutrina foi lenta e motivo de muitos debates entre os apóstolos, até terem chegado a um consenso, no Concílio de Jerusalém.

Problema semelhante se apresenta quando refletimos, à luz do Espírito, sobre o pluralismo religioso. Temos de nos perguntar sobre o que Deus quer de todas as religiões, além de suas diferenças legítimas e acidentais.

A solução não é somente dialogar com outras religiões, mas criar, primeiro, condições para o diálogo. Antes, temos de realizar o diálogo intra-religioso, intra-familiar e intra-profissional.

A aceitação do diferente é um golpe em nosso egoísmo. Exige abertura para o outro e humildade para nos desinstalarmos de nossa cômoda posição de donos da verdade.

Evangelho Mt 2,1-12

O profeta Balaão, há mil e duzentos anos, tinha profetizado: *Eu o*

vejo, mas não é um acontecimento para agora, percebo-o, mas não está perto: uma estrela desponta da estirpe de Jacó, um reino, surgido de Israel, levanta-se... Um rebento de Jacó dominará sobre seus inimigos (Nm 24,17.19).

Desde aquela época, os israelitas transmitiram, de pai para filho, a expectativa ansiosa do despontar daquela "estrela", que outra coisa não seria senão o próprio Messias.

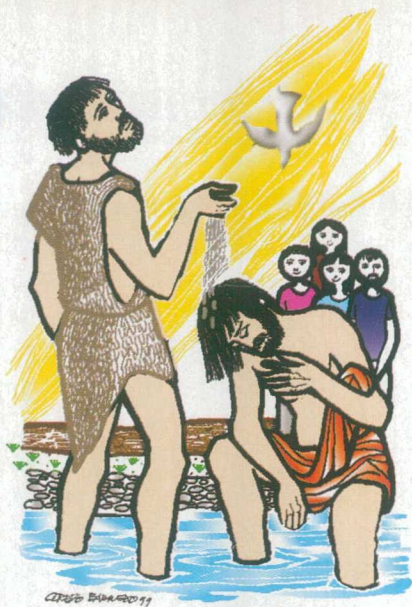
Apresentando os magos do Oriente que tinham visto a estrela, Mateus queria dizer que, finalmente, tinha chegado o esperado libertador da estirpe de Jacó. Era aquele Jesus que os magos reconheceram e adoraram.

A libertação, porém, oferecida pelo Messias precisava de aceitação, dentro dos corações. Os magos abriram-se a ela, desde o começo. Enfrentaram enormes dificuldades, desinstalaram-se da comodidade de suas habitações e, confiantes, buscaram o Senhor.

Bem diferente foi a reação de Herodes, de todos os sumos sacerdotes e dos escribas do povo, que tinham chegado ao conhecimento do Messias por meio do testemunho dos magos. Sua consulta às Escrituras não foi realizada em clima de oração, de despojamento de si mesmos. Sua mentira (...*para que também eu vá adorá-lo*) indica que não havia a disposição interior da disponibilidade à vontade de Deus, como o fez a mãe de Jesus, mas queriam que seus planos assassinos prevalecessem à palavra de Deus!

REFLEXÃO

Unimo-nos ao que existe de comum em outras religiões? Ou esbarramos nas diferenças? Empenhamo-nos em não excluir ninguém de nossas conversas, em casa, no trabalho? Aceitamos a Luz da busca da verdade, da disponibilidade à vontade de Deus?



Jesus, o Servo do Senhor

Batismo de Jesus
12 de janeiro

INTRODUÇÃO

Depois das festas de Natal, a liturgia nos apresenta o início da atividade pública de Jesus. Tudo começou com o batismo de João. Nosso Salvador coloca-se ao nosso lado, identifica-se conosco, pecadores, e inicia a caminhada que nos conduz à liberdade.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 42,1-4.6-7

A narrativa sobre o “Servo do Senhor” foi escrita, há cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Jesus, e, depois, inserida no livro de Isaías. Não se sabe a quem o profeta se referia. Mas os primeiros discípulos, com suas comunidades, foram percebendo que tudo aquilo que estava escrito sobre aquele “Servo”, sempre fiel a Deus, tinha se realizado em Jesus.

Após a morte de Jesus, os discípulos perguntavam-se como podia ter acontecido que a vida de um homem bom e justo tivesse terminado num aparente fracasso. Meditando, porém, so-

bre este trecho de Isaías, começaram, pouco a pouco, a entender o plano de Deus que não liberta como nós costumamos fazer. Não se serve da força, da violência, mas age com bondade, respeito aos outros e ao dom da vida.

E nós? Como agimos com quem nos contraria? Não é verdade que queremos impor nossa vontade por todos os meios? Ou respeitamos a opinião dos outros e nos dispomos a ouvi-los para, juntos, encontrar a melhor solução?

Somos, muitas vezes, severos demais com os que erram e, em vez de condenar o erro, arrasamos seu autor. É hora de aprendermos com o Servo do Senhor que não grita, não eleva a voz, não destrói o que está parcialmente estragado, mas procura recuperá-lo, não desanima diante das dificuldades. Foi, por isso, que Jesus pôde dizer: *Recebi a minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração* (Mt 11,29).

2.ª leitura At 10,34-38

Dirigindo-se aos pagãos, o Apóstolo Pedro constata: Deus não faz distinção de pessoas. Não tem preconceitos, não prefere um povo a outro, ou os de uma determinada cor.

Em seguida, São Pedro apresenta um breve resumo da vida de Jesus. É eco do modo de proceder do Servo de Javé, *que não quebra a cana rachada, nem apaga a mecha que ainda fume-ga*. De fato, Jesus lutou contra qualquer forma de mal, contra tudo aquilo que oprimisse o ser humano.

A obra era árdua e difícil, mas ele conseguiu concluí-la, porque Deus estava com ele. E para prová-lo, Pedro reporta-se ao batismo de Jesus, quando Deus o ungiu com o Espírito Santo.

Como o “Servo de Javé” que fora chamado para abrir os olhos aos cegos, para tirar do cárcere os prisioneiros, assim também Jesus recebeu po-

der do Pai para fazer o bem e curar todos aqueles que ficaram prisioneiros do mal, numa total fidelidade à sua missão, anunciada no batismo.

Por esse sacramento, somos enxertados no Corpo Místico de Cristo. Por isso, todos nós que recebemos o batismo estamos, além disso, unidos entre nós na própria unidade de Cristo. É claro que o sacramento não age de maneira mágica. A conversão total que ele exige deve ser o ponto de partida duma vida nova numa fidelidade inquebrantável.

Evangelho Mc 1,7-11

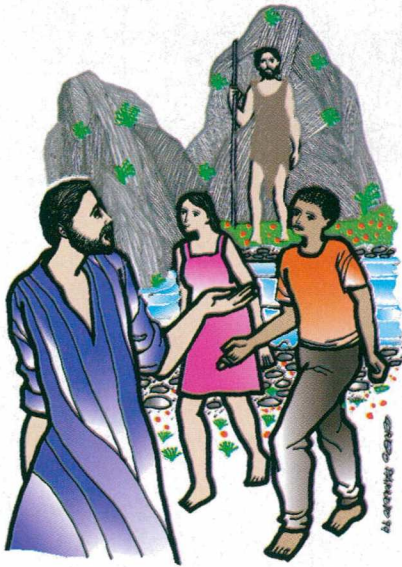
Apresentando-se para receber o batismo de João, Jesus se submete à vontade do seu Pai e se coloca humildemente entre os pecadores. Ele é o “Cordeiro de Deus” que toma assim sobre si o pecado do mundo. O batismo de Jesus, no Jordão, anunciava e preparava o da sua morte, enquadrando assim a sua vida pública entre dois batismos.

Isto é confirmado pelo texto de São Marcos que remete ao de Isaías, de nossa 1.ª leitura de hoje: *Eis o meu servo, que eu amparo, meu eleito, ao qual dou toda minha afeição* (v.1). A alusão ao Servo de Javé liga o batismo à paixão do Messias. Só podemos reconhecer Jesus como filho de Deus se aceitarmos seu calvário.

Nossa fé em Cristo não deve ser só adesão à mensagem evangélica. Inclui uma conversão total, uma doação integral a Cristo que transforma nossa vida.

REFLEXÃO

Nosso diálogo é fala e escuta? Respeitamos as opiniões contrárias dos outros? Como nos comportamos com os que erram? Julgamo-los, desprezando-os e falando mal deles? Que significado tem para nós o batismo?



Com Jesus, em sua vida pública

2.º domingo do Tempo Comum
19 de janeiro

INTRODUÇÃO

Não basta conhecermos o Cristianismo, é necessário fazermos a experiência de estar a sós com Jesus. Na oração, na intimidade do silêncio interior, ele nos falará por sua Palavra.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura 1Sm 3,3b-10.19

Nosso batismo significa conversão de vida, luta constante contra a morte do pecado. Participamos de tantas manifestações religiosas, de encontros comunitários, mas, no entanto, a mudança em nossa vida é pouca.

Deus, porém, não desanima diante da nossa surdez e, assim como fez com Samuel, insiste até conseguir que escutemos sua mensagem.

Lemos, muitas vezes, uma página do evangelho, podemos quase repeti-la de cor, e algum dia, ao ouvi-la, temos a impressão de que se trata da primeira vez. E é verdade: é a primeira vez que ela penetra na intimidade do nosso coração.

Às vezes, a voz do Senhor chega até nós, após uma doença, uma deserção dos amigos. Experimentamos, então, a fragilidade de nosso corpo e a pouca valia das coisas materiais. Abre-se nosso entendimento e sentimos que os valores espirituais são os que permanecem. Não vale a pena perdermos tanto tempo com vaidades e com outros cuidados corporais, quando excessivamente cultivados.

2.ª leitura 1Cor 6,13c-15a.17-20

Paulo dirige-se aos coríntios, alertando-os para o erro daqueles que usavam, falsamente, o princípio de liberdade, adquirida em Cristo no batismo, para usar o corpo para contatos extramatrimoniais ou contra a natureza:

Irmãos, o corpo não é para a fornicção e sim, para o Senhor, e o Senhor é para o corpo... aquele que se entrega à fornicção, peca contra o próprio corpo.

Paulo não usa argumentos externos, como o medo de se pegar doenças, a vergonha por que se passa ao se ser descoberto, o gasto inútil do dinheiro, etc., (todos muito em voga, ainda em nosso tempo), mas vai ao centro do compromisso batismal. Ensina que a luxúria, o adultério, a corrupção sexual são incompatíveis com a vida de uma pessoa batizada. E explica. A fornicção faz-nos perder a liberdade interior e é por isso má.

É uma injustiça contra Deus, a quem pertence nosso corpo, destinado à ressurreição. É um sacrilégio, porque nosso corpo está ligado ao corpo místico de Cristo. Por fim, é uma profanação, pois somos templos do Espírito Santo. E conclui: *Alguém (nosso Salvador) pagou alto preço (seu sangue) pelo vosso resgate. Glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo.*

A sexualidade tem como finalidade manifestar o amor e este exige doação

constante. Somente estes sentimentos estão em harmonia com a vida nova recebida no batismo.

Evangelho 1,35-42

Como meditamos na 1.ª leitura, Deus nos fala, pessoalmente, a cada um de nós. Só que o faz por meio dos acontecimentos comuns ou inesperados. A iniciativa é sempre dele.

Cabe-nos aprofundar as exigências espirituais e morais da nossa vocação, cada um com a sua.

No caso da vocação dos apóstolos, João Batista foi o instrumento de Deus para chamá-los.

O precursor de Jesus já tinha concluído a sua missão. Agora, indicava aos homens o Messias, confiou-lhe os discípulos e aceitou desaparecer. Estava consciente de que o importante era Jesus "crescer".

Bem diferente do que ocorre em nossas comunidades, onde, às vezes, usamos o nome de Jesus para engrandecer-nos, para competir com outras religiões, para mostrar a própria superioridade e quantidade numérica.

Aí, como buscamos a nós mesmos e queremos aparecer, procuramos somente pessoas que aprovelem nossos projetos e pensem como nós. Mas a quem devem seguir os homens? A nós ou a Cristo?

Eis o Cordeiro de Deus, dizia o Batista. Aceitemos identificar-nos com este Cordeiro que se doa por amor e que, com seu sangue, salva-nos da morte.

REFLEXÃO

Qual é a linguagem de Deus, em nossos dias? Como é possível reconhecê-la, em nossa vida? Quais são as idéias que estão em voga na nossa comunidade sobre a sexualidade? Quando falamos de Jesus, é a nós que buscamos?



Prontidão para aderir ao Evangelho

3.º domingo do Tempo Comum
26 de janeiro

INTRODUÇÃO

Prontidão, generosidade, determinação em abandonar a vida passada devem ser as características da nossa resposta ao chamado constante de Cristo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Jn 3,1-5.10

Os hebreus não queriam ouvir falar nos ninivitas. É fácil compreender por quê. Durante anos seguidos, tinham sido seus escravos. Agora, libertos e com forte mentalidade nacionalista, torciam para que Javé os castigasse.

Qual não foi, portanto, a perplexidade do profeta Jonas, quando o Senhor lhe falou: *Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e profere contra ela os teus oráculos, porque sua iniquidade chegou até a minha presença* (1,2).

Contrariado pela possibilidade de Nínive se converter, o profeta nada respondeu. Desceu até o porto de Jope e, em vez de tomar um navio que se dirigisse para Nínive, que ficava no Oriente, viajou para o Ocidente. Fugia, a

fim de escapar da ordem do Senhor.

Jonas, porém, arrependeu-se do mal que tinha praticado: *Acaso me será dado ainda rever vosso santo templo, Senhor?* — rezava ele. Sua contrição é acolhida por Deus que o envia, de novo: *Vai a Nínive, a grande cidade, e faz-lhe conhecer a mensagem que te ordenei.* E os ninivitas se converteram.

Ainda há cristãos que esperam ver a Igreja derrotando e humilhando os próprios inimigos. Há também alguém que, talvez, alimente a secreta esperança de assistir, um dia, na prestação final das contas, à condenação deles! Este sentimento não é cristão.

Na leitura de hoje, Deus ensina que não existem inimigos a serem derrotados, mas irmãos que devem ser convertidos e ajudados para conseguirem a felicidade.

2.ª leitura 1Cor 7,29-31

Os “últimos tempos” estão apenas inaugurados. A partir da ressurreição de Jesus, dilatam-se e se tornam “tempos da Igreja”. Por isto, o reino de Deus tem, de um lado, uma dimensão atual e, de outro, é direcionado aos nossos últimos dias.

A mensagem de Paulo pode parecer desprezo pelos bens materiais, mas não é. Quer somente que atribuamos o justo valor às realidades terrestres, importantes, mas não eternas.

Nesta visão, o tempo que nos resta de vida é curto. Ora, diante de tal constatação, qual deve ser nossa atitude de cristãos? — Viver desapegados dos interesses deste mundo. E Paulo dá vários exemplos disso.

Quanto a nós (depois de, primeiro, termo-nos doado aos de casa), podemos, por exemplo, dedicar-nos, como voluntários, aos anciãos, às crianças abandonadas, aos doentes crônicos, aos excepcionais. Isto, sim, tem valor perene.

Sabemos que a tecnologia os trata

como detrito inútil, abandonando-os em casas de saúde, hospitais, abrigos e asilos.

Daí, os desejos de tantos idosos, após se verem considerados como um “peso” para os seus, de sair de seu lar; ou tentativas, por parte de sua família, de convencê-los de que na casa de saúde, tudo será adequado para eles...

O importante é a acolhida, a atenção, o amor que se lhes dá, como se fosse ao próprio Jesus.

Evangelho Mc 1,14-20

O que Marcos quer sublinhar, no evangelho de hoje, é a prontidão com que os apóstolos acolheram o chamado de Jesus.

Como fez com o profeta Jonas, Deus não desanima e continuamente está-nos chamando para seu caminho.

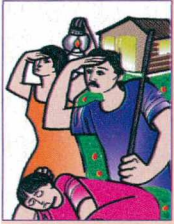
Nosso “sim” deve significar uma mudança radical em nosso modo de pensar. Antes, seguíamos a lógica do mundo e colocávamos nossos próprios interesses acima de tudo, como os bens materiais, o sucesso, os prazeres, o lazer, o domínio sobre os outros. Ao aceitarmos seguir a Jesus, deveremos aprender com a lógica de Deus. Não nos colocarmos como centro exclusivo de nossas preocupações, mas pensarmos nas necessidades dos irmãos.

Crer é isso. É aderir, corajosa e incondicionalmente, à proposta de vida de nosso Salvador, em qualquer circunstância: ter paciência para aturar um vizinho, que achamos “chato”; perdoar alguém que nos ofendeu, sacrificar a nossa preferência para ajudar os outros.

REFLEXÃO

Somos misericordiosos com quem nos ofende? Damos nosso afeto aos que se sentem marginalizados, primeiramente, dentro de nossas casas? O que devemos mudar em nossa vida para seguir o chamado de Jesus?

Leituras litúrgicas das Missas — DEZEMBRO



1.ª semana do Advento

2 - segunda: Is 2,1-5 = Paz messiânica: caminhemos à luz do Senhor. Sl 121. Mt 8,5-11 = Os pagãos entrarão no Reino!

3 - terça: Is 11,1-10 = O Reino pacífico do Messias: sobre ele repousará o Espírito do

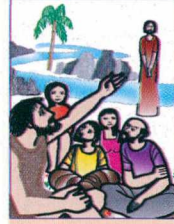
Senhor. Sl 71. Lc 10,21-24 = A boa nova revelada aos pequenos, aos humildes.

4 - quarta: Is 25,6-10a = Banquete ou festim messiânico: O Senhor banirá a morte e o sofrimento. Sl 22. Mt 15,29-37 = Jesus cura e alimenta o povo.

5 - quinta: Is 26,1-6 = Cântico do povo libertado, povo justo e confiante em Deus. Sl 117. Mt 7,21.24-27 = Fazer a vontade do Pai celeste.

6 - sexta: Is 29,17-24 = Os tempos messiânicos: os cegos enxergarão! Sl 26. Mt 9,27-31 = Jesus cura dois cegos.

7 - sábado: Is 30,19-21.23-26 = Ao teu pedido, o Senhor terá piedade. Sl 146. Mt 9,35 — 10,1.6-8 = Jesus sente dó do rebanho, do povo que sofre.



3.ª semana do Advento

16 - segunda: Nm 24,2-7.15-17a = Um astro sai de Jacó, um cetro se levanta. Sl 24. Mt 21,23-27 = De onde vinha o batismo de João?

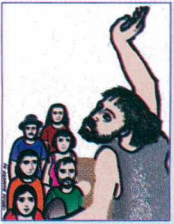
17 - terça: Cn 49,2.8-10 = Virá aquele a quem pertence o cetro. Sl 71. Mt 1,1-17 = Árvore genealógica de Jesus Cristo.

18 - quarta: Jr 23,5-8 = De Davi, surgirá um rebento novo, o Salvador. Sl 71. Mt 1,18-24 = Jesus vai nascer na descendência de Davi.

19 - quinta: Jz 13,2-7.24-25a = Um anjo anuncia o nascimento de Sansão. Sl 70. Lc 1,5-25 = O anjo Gabriel anuncia o nascimento de João Batista.

20 - sexta: Is 7,10-14 = Profecia do Deus conosco — Emanuel. Sl 23. Lc 1,26-38 = O Messias será filho de Maria.

21 - sábado: Ct 2,8-14 = O Bem-amado aí vem, sobre as colinas. Sl 32. Lc 1,39-45 = Maria visita Isabel.



2.ª semana do Advento

9 - segunda: Is 35,1-10 = Deus vem trazer alegria ao seu povo. Sl 84. Lc 5,17-26 = Jesus cura e perdoa um paralisado.

10 - terça: Is 40,1-11 = Mensagem de consolação aos exilados. Sl 95. Mt 18,12-14 =

Deus à procura da ovelha perdida.

11 - quarta: Is 40,25-31 = O Todo-Poderoso dá vigor aos fracos. Sl 102. Mt 11,28-30 = Vinde a mim, vós que estais cansados e sobrecarregados.

12 - quinta: *Nossa Senhora de Guadalupe*. Gl 4,4-7 = Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher. Sl 95. Lc 1,39-47 = Maria visita Isabel.

13 - sexta: Is 48,17-19 = Ouvir e obedecer a Deus traz a felicidade. Sl 1. Mt 11,16-19 = Descaso pela palavra de Deus.

14 - sábado: Eclo 48,1-4.9-11 = O profeta Elias voltará. Sl 79. Mt 17,10-13 = O profeta Elias já chegou!



4.ª semana do Advento

23 - segunda: Ml 3,1-4.23-24 = Elias preparará a vinda do Senhor. Sl 24. Lc 1,57-66 = Nascimento de João Batista.

24 - terça: (De manhã): 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16 = Deus construirá a casa de Davi.

Sl 88. Lc 1,67-79 = Cântico de Zacarias.

25 - quarta: *Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo*. (1.ª Missa): Is 9,1-6 = Um menino nasceu para nós, o Príncipe da paz. Sl 95. Tt 2,11-14 = A graça de Deus manifestou-se! Lc 2,1-14 = Hoje vos nasceu o Salvador.

26 - quinta: *Sto. Estêvão*. At 6,8-10; 7,54-59 = Martírio de Estêvão. Sl 30. Mt 10,17-22 = O Espírito vos inspirará.

27 - sexta: *S. João Evangelista*. 1Jo 1,1-4 = Testemunha ocular do Verbo. Sl 96. Jo 20,2-8 = João no santo sepulcro.

28 - sábado: *Santos Inocentes*. 1Jo 1,5 — 2,2 = O sangue de Jesus nos purifica. Sl 123. Mt 2,13-18 = Massacre das criancinhas de Belém.



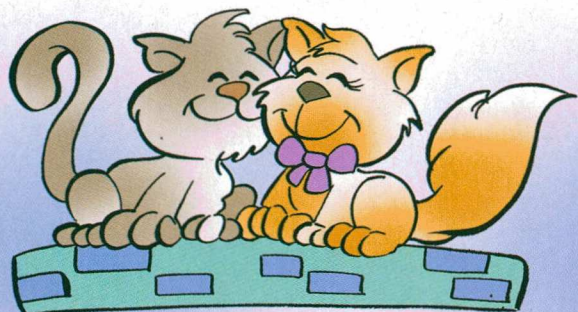
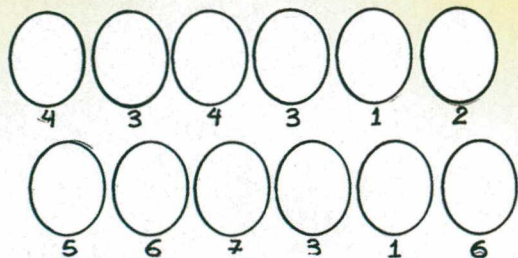
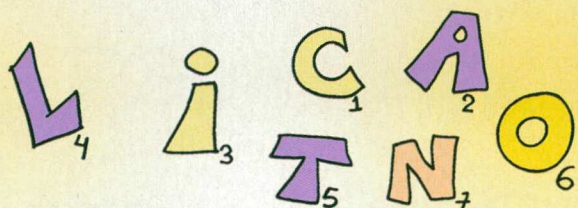
Oitava de Natal

30 - segunda: 1Jo 2,12-17 = Amar ao Pai, não ao mundo. Sl 95. Lc 2,36-40 = A profetiza Ana fala de Jesus.

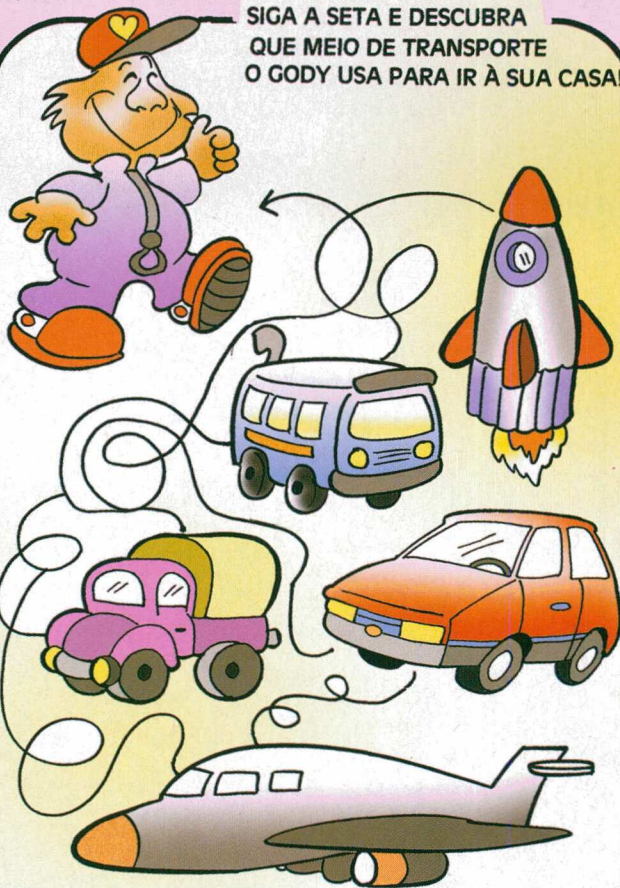
31 - terça: 1Jo 2,18-21 = Há muitos anticristos; vós permaneci fiéis. Sl 95. Jo 1,1-18 = O Verbo se fez carne e habitou entre nós.



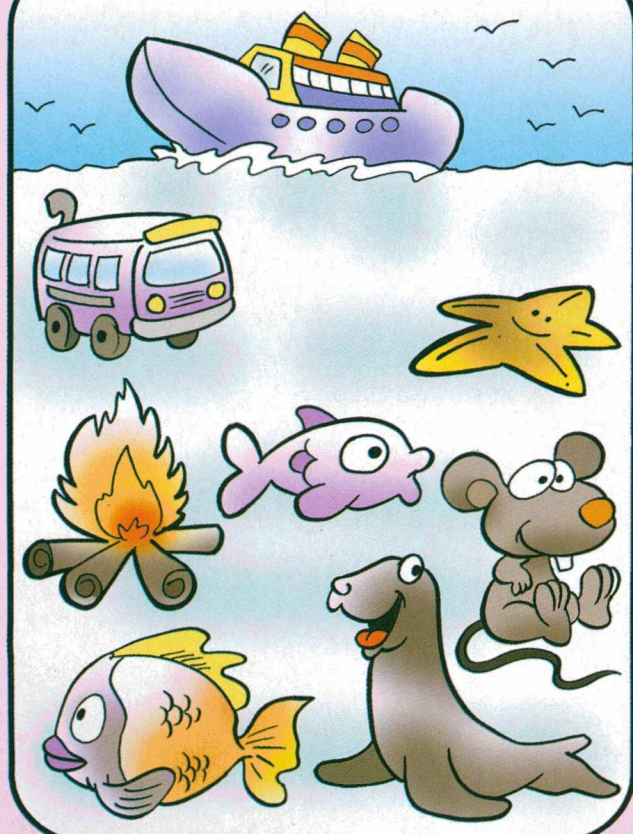
COLOQUE CADA LETRA NO LUGAR CERTO E DESCUBRA OS NOMES DOS GATINHOS!



SIGA A SETA E DESCUBRA QUE MEIO DE TRANSPORTE O GODY USA PARA IR À SUA CASA!



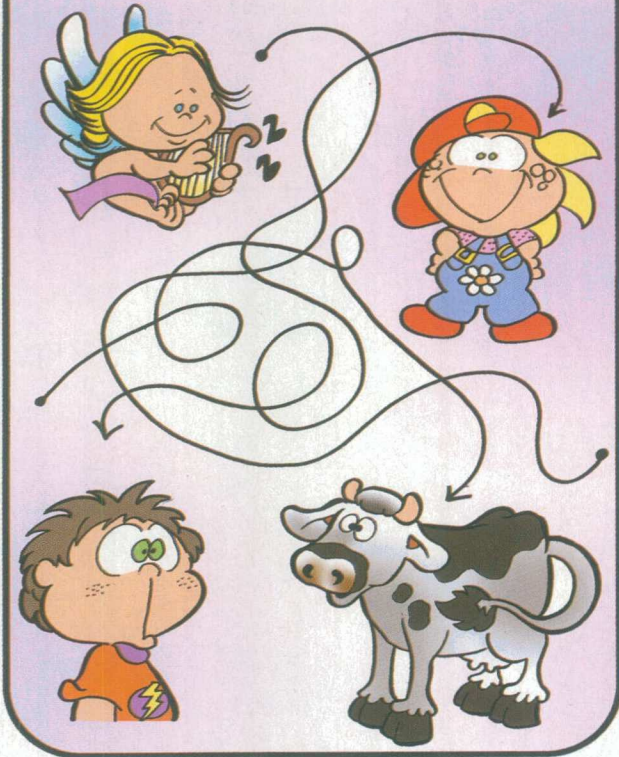
RISQUE SÓ O QUE EXISTE NO MAR!



TESTE SEU RACIOCÍNIO, ENCONTRANDO NO QUADRO ABAIXO OS NOMES DESTES NÚMEROS!

9	B	C	G	A	H	I	M	J	K	O	P
	D	T	O	U	M	T	R	E	S	Q	U
3	E	A	C	M	H	O	R	E	B	A	Q
	Z	G	O	L	C	U	N	O	P	B	U
16	E	U	V	K	N	U	X	Z	Q	R	I
	S	T	E	M	O	S	T	A	U	V	N
20	S	B	X	A	V	O	B	S	K	N	Z
	E	D	E	J	E	M	A	B	U	I	E
5	I	H	S	A	X	F	B	J	N	P	A
	S	V	B	E	G	V	I	N	T	E	T
13	M	U	C	E	Z	E	R	T	R	S	C
	B	X	A	U	N	K	O	S	I	T	O
15	P	O	C	N	I	C	I	C	G	K	U

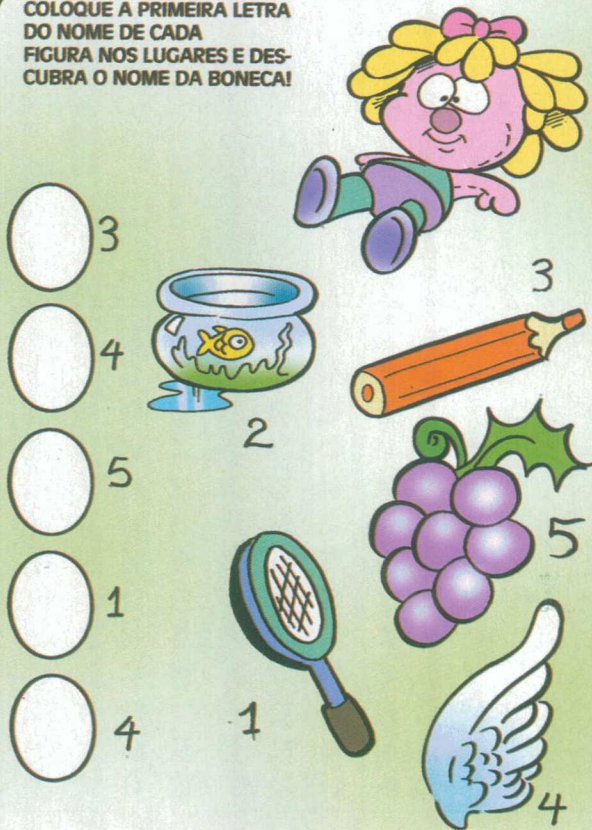
SIGA A SETA PARA SABER PARA QUEM O ANJINHO ESTÁ TOCANDO!



LIGUE O QUE COMEÇA COM A MESMA LETRA!



COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DO NOME DE CADA FIGURA NOS LUGARES E DESCUBRA O NOME DA BONECA!



DESEMBARALHE AS LETRAS E LIGUE À FIGURA!



ROMANGO

ÇOLA

SATIMECA

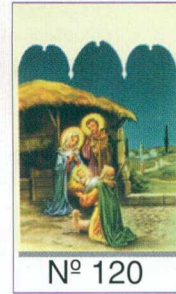
POELENVE

BURGUREHAM

DUMPI

VRILLO

CARTÕES DE NATAL: UMA LEMBRANÇA DE VIDA. ENCOMENDE JÁ OS SEUS.



Ao adquirir os cartões de Natal, você estará contribuindo com os vocacionados à vida religiosa claretiana.

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 3802 — CEP 13 066-640 - Campinas, SP

Cartões	Quantidades
Nº 94 cartões
Nº 115 cartões
Nº 118 cartões
Nº 120 cartões
Nº 127 cartões
Nº 130 cartões
Nº 132 cartões
Nº 133 cartões
Nº 137 cartões
Nº 138 cartões
Nº 139 cartões
Nº 141 cartões
Nº 142 cartões
Nº 143 cartões
Nº 144 cartões
Nº 147 cartões
Nº 148 cartões
Nº 149 cartões
Nº 150 cartões
TOTAL cartões

Aproveite esta SUPER-OFFERTA: na compra de qualquer cartão você pagará apenas R\$ 0,30 (trinta centavos) cada. Neste valor, não está incluído os custos de envio postal. Pedido mínimo: 10 cartões.

Nome

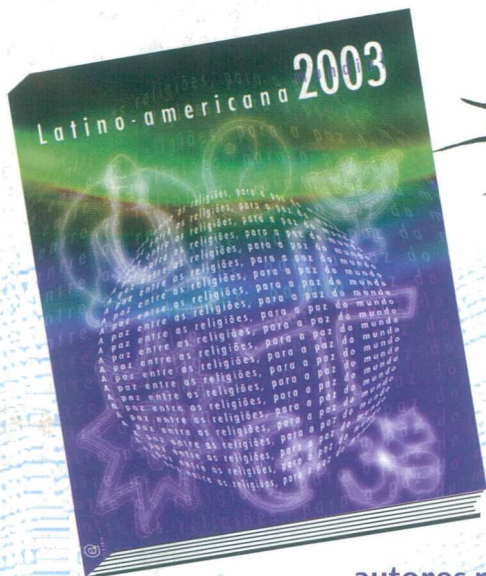
Endereço

Cidade Estado

CEP Tel. ()

Assinatura

O PAGAMENTO SERÁ FEITO POR REEMBOLSO POSTAL.



Para você, Assinante!

O livro/agenda

“LATINO-AMERICANA-MUNDIAL 2003”

(O tema desse livro: A paz entre as religiões, para a paz do mundo. São páginas escritas por mais de 40 autores mundialmente conhecidos que apontam caminhos para esse diálogo. Mais de 100 mil exemplares vendidos no mundo em 7 línguas.)

Basta renovar SUA ASSINATURA, por mais um ano, e conseguir apenas UMA ASSINATURA NOVA.

- Veja como é fácil:
- Junte o valor da RENOVAÇÃO de sua assinatura por mais 1 (um) ano (R\$ 25,00) ao valor da ASSINATURA NOVA de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00).
- Mande o total: R\$ 50,00, com os cupons abaixo, devidamente preenchidos, para:

**Revista Ave Maria – Agenda LA 2003
Rua Martim Francisco, 636 – 5º andar
CEP 01 226-000 São Paulo, SP**

Faça o cheque nominal à “Revista Ave Maria – Agenda LA 2003”

- Outras formas de pagamento ou mais informações:
Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.:

CEP: _____ Telephone: (.....)

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.:

CEP: _____

AVe MARIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria